

Universidade Federal De São Carlos

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DEPARTAMENTO
DE MEDICINA**

MATHEUS DA SILVA CALABRESI MACHADO

Porque Medicina, porque UFSCar parte II:
A escolha da residência e de projetos para o futuro, é sobre
isso

SÃO CARLOS - SP
2022

Matheus Da Silva Calabresi Machado

Porque Medicina, porque UFSCar parte II:

A escolha da residência e de projetos para o futuro, é sobre isso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de bacharel em Medicina como parte das exigências para obtenção do título de Médico (Lei 1.3270/16).

Orientador: Prof. Dr. Fabio Fernandes Neves

SÃO CARLOS – SP

2022

[MACHADO, Matheus].

M427P Porque Medicina, porque UFSCar parte II: A escolha da residência e de projetos para o futuro, é sobre isso / Matheus da Silva Calabresi Machado. — 2021. 47 f

Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021

1. [Educação]. 2. [Graduação em medicina]. 3. [Internato e Residência].
I02.358.337.350.500. (MeSH 2022)

CDD 378.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Matheus da Silva Calabresi Machado

Porque Medicina, porque UFSCar parte II:

A escolha da residência e de projetos para o futuro, é sobre isso

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Realizado de acordo com as normas do Projeto Político Pedagógico como pré-requisito para a graduação em medicina como parte das exigências para obtenção do título de Médico (Lei 1.3270/16).

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professor Doutor Fabio Fernandes Neves
Universidade Federal De São Carlos (UFSCar)

Dedico esse trabalho a todos que tem sonhos e projetos, todos que tem planos e metas, todos que tem algum chamado ou vocação, mas, principalmente, a todos aqueles a quem qualquer caminho serve, pois ainda estão perdidos.

“Enquanto você sonha, você está fazendo o rascunho do seu futuro”.

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todos que fizeram parte da minha formação, não me refiro apenas ao curso de medicina, mas sim a minha formação como homem, cidadão e em breve médico. Por mais clichê que seja, tenho que agradecer a Deus, pela minha vida, minhas oportunidades e pela paz que sempre me trouxe. Isso já seria o suficiente, mas por ser uma oportunidade de valorizar as pessoas que me ajudaram de alguma forma, acredito que devo agradecer nominalmente.

Assim, cabe agora meus agradecimentos a minha mãe-avó e meu pai-avô, as pessoas que me criaram e a quem sou muito grato, espero poder retribuir ao menos parte do que me deram nesses anos e trazer muitas alegrias e orgulho a vocês. Sei que me amam e demonstram do jeito de vocês e gostaria que soubessem que os amo muito também. Cabe também para minha mãe que tentou sempre estar presente e demonstrar seu carinho mesmo que muitas vezes a distância, inclusive algumas vezes em uma distância intercontinental.

Agradeço ainda:

Ao meu padrasto que sempre me tratou respeitosamente e tentou me ajudar e aos seus dois filhos, meus irmãos gêmeos que acabaram de fazer 3 anos de idade (e que aliás nasceram no dia seguinte ao meu), de quem sinto saudade e lamento ter tão pouco tempo para ver o crescimento. Aos meus 2 tios e tias que mesmo sendo poucos, estiveram muito presentes na minha vida. Aos meus 4 primos, em especial ao meu primo Fernando, o qual vejo como um irmão mais novo. Aos meus padrinhos, fundamentais no início de minha infância e a quem tenho muito carinho.

As pessoas que me ajudaram durante minha trajetória. Ao casal que me ajudou quando mais precisei por estar abandonado e indefeso. A quem me mostrou que as coisas poderiam ser diferentes e me deu suporte quando estava mal. As pessoas que me ajudaram quando estava perdido, no sentido figurado ou literal, o que infelizmente não era tão incomum. A todos os desconhecidos que me deram pequenas ajudas ao longo de minha trajetória.

Aos professores que tive, dentro das escolas, faculdade, estágios e também os professores que me ensinaram conteúdos não acadêmicos. Aos que acreditaram em mim e me incentivaram. Aos que serviram de exemplo de profissional ou de pessoa. Aos professores os quais invadi a aula mesmo não sendo aluno oficialmente. Ao meu

orientador Fábio, por ser preocupado comigo e a quem devo desculpas pelo tamanho do texto e demora para escrever.

Aos preceptores e outros profissionais que conheci. Aos que trabalharam no Hospital Universitário, Santa Casa e Unidades básicas. Um agradecimento especial a quem fazia café ou trazia alguma comida. Aos três profissionais da saúde mental que me ajudaram em minha vida e a tornaram muito mais simples.

A SUS, local aonde fiz a maior parte de minha graduação. A UFSCar, universidade a qual sempre nutri um carinho e hoje sinto como parte de mim. Ao curso de medicina, pois se não existisse não poderia me formar nele, mas também agradeço pois, mesmo com todos os problemas que possui, me trouxe muitos aprendizados e experiências fundamentais para minha formação. A todos os pacientes que permitiram que aprendesse sobre medicina e sobre suas vidas.

Aos meus colegas de faculdade, de curso e especialmente os de turma, entre eles um que já não está entre nós, mas que pode nos agradecer com seu sorriso, seu humor característico, sua fala confiante e principalmente sua alegria. Agradeço a todos pela companhia, ajudas, momentos partilhados, reuniões, conversas, pizzas, futebol e tudo mais que passamos juntos. Em especial a meu grupo de internato, tanto as oito pessoas que o integram hoje como as duas que já fizeram parte, agradeço por esses dois anos de trabalho desabafos, conselhos e parceria. Mas agradeço principalmente a dois deles, o João e a Aurora, dois dos meus melhores amigos que me acompanharam desde o início da graduação até o final, aprendi muito com vocês e sou muito grato por todas as vezes em que me ajudaram, vocês são fundamentais para a minha graduação e também para eu ser quem sou hoje.

A atlética do meu curso, instituição que fez parte de toda a minha graduação, aonde passei muitos dos momentos que guardarei na memória, bem como muitos dos aprendizados. Agradeço pelas pessoas que lá conheci, pelas oportunidades que tive, pelos times que participei, pelas competições, reuniões, festas e pelo acolhimento. A atlética da UFSCar também, principalmente ao time de atletismo que me acolheu de uma forma incrível mesmo eu chegando no meio de um semestre e próximo a uma competição. Agradeço pelas amizades, experiências, pelo desconto na academia H7, e pelas competições, principalmente o TUSCA, tanto pela parte esportiva, inclusive pela chance de ter participado, como pelas festas.

Agradeço a todos com quem morei, a quem compartilhou a vida comigo, aos locais que foram importantes para mim e tudo mais que fez parte desses 6 anos de

graduação e, esse mês, 24 anos de vida. Um agradecimento que pode parecer estranho, mas se faz necessário é para a pessoa que inventou a possibilidade de ver vídeos de forma mais acelerada, não sei o que seria da minha vida sem você.

Por fim, agradeço a uma pessoa que entrou a pouco em minha vida e já se tornou uma das mais importantes dela. Agradeço também sua família que me recebeu muito bem, principalmente seus irmãos. Agradeço a minha namorada, Nicole, obrigado por esse último ano desde que começamos a conversar, infelizmente tivemos mais tempo a distância do que presencialmente, mas pretendo compensar isso com os muitos anos que vamos viver juntos. Obrigado pelo carinho, atenção, companheirismo, humor e por todos os momentos juntos, em pouco tempo aprendi a te amar muito e não mais imagino minha vida sem você.

Termino com uma frase de filósofo chinês, Lao-Tse, que pode se referir aos meus pais, familiares, amigos e namorada: *“Ser profundamente amado por alguém nos dá força; amar alguém profundamente nos dá coragem”*. Com essa coragem espero começar minha vida de formado, buscar sempre crescer como pessoa e a cada dia fazer algo diferente, ser melhor. Espero ter coragem de me posicionar quando necessário e de ajudar a quem precisa e sei que só posso ter isso por todas essas pessoas a quem devo meus agradecimentos.

EPÍGRAFE

*“Nós não podemos mudar nada sem que
primeiro a aceitemos”.*

Carl Jung

*“O futuro dependerá daquilo que
fazemos no presente”.*

Mahatma Gandhi

RESUMO

Durante a graduação de medicina, o acadêmico percebe que precisa novamente realizar decisões sobre seu futuro, entretanto, quais são os fatores que influenciam e direcionam essas escolhas?

O presente trabalho é um memorial de formação, realizado conforme o projeto do curso de medicina da UFSCar, que busca discorrer sobre tal questionamento. Se apresenta como uma narrativa reflexiva acerca dos acontecimentos e motivações que moldaram um acadêmico de medicina e suas decisões, além de duas revisões não sistemáticas nas bases Scielo e Pubmed acerca das visões apresentadas no texto.

Com isso, permite revisitar e ressignificar vivências do acadêmico, relacionando-as com o processo de desenvolvimento de suas preferências e sua realidade atual. Apresenta também as visões de estudantes brasileiros e estrangeiros, que, embora apresentem valores diferentes, têm dilemas similares. Assim, munido das vivências e reflexões do autor, além das perspectivas de outros alunos, o leitor pode elaborar suas respostas ao questionamento apresentado.

Palavras-chave: Residência médica; Escolha de futuro; Vivências acadêmicas.

ABSTRACT

During medical graduation, the academic realizes that he needs to make decisions about his future again; however, what factors influence and direct these choices?

The present work is a training memorial carried out according to the UFSCar medical course project, which seeks to discuss this questioning. A reflective narrative about the events and motivations that shaped a medical student and his decisions, in addition to two non-systematic reviews in the Scielo and Pubmed databases about the views, presented.

With this, it allows revisiting and re-signifying academic experiences, relating them to the process of developing their preferences and their current reality. It also presents the views of Brazilian and foreign academics, who, despite having different values, have similar dilemmas. Thus, armed with the author's experiences and reflections, in addition to the perspectives of other undergraduates, the reader can elaborate their answers to the presented question.

Keywords: Medical residency; Career choice; Academic experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Entrada do campus principal da UFSCar	15
Fotografia 2 - Fachada do departamento de medicina	16
Fotografia 3 - Hospital Universitário.....	65

LISTA DE SIGLAS

COVID-19 - Coronavirus Disease 19 ou Doença por Coronavirus 19

ES - Estação de Simulação

GO – Ginecologia e Obstetrica

HU - UFSCar - Hospital Universitário da UFSCar

OMS - Organização Mundial da Saúde

PBL – Problem Based Learning

PP - Prática Profissional

PPP - Projeto Político Pedagógico

R1 – Residente no primeiro ano de especialização

R4 – Residente no quinto ano de especialização

R5 – Residente no quinto ano de especialização

RH – Recursos Humanos

RP - Reflexão da Prática

SFC - Saúde da Família e Comunidade

SMU - Serviço Médico de Urgência

SP - Situação Problema

SUS – Sistema único de Saúde

SVO - Sistema de Verificação de Óbitos

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TDAH- Transtrono Do Déficit De Atenção E Hiperatividade

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

USE - Unidade de Saúde Escola

USF - Unidade de Saúde da Família

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO	3
AGRADECIMENTOS	5
EPÍGRAFE	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	11
LISTA DE SIGLAS	12
SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO	15
SOBRE A UNIVERSIDADE	15
<i>Sobre o Campus</i>	15
<i>Sobre o Departamento e o Curso</i>	16
<i>Sobre a graduação</i>	17
SOBRE A PROPOSTA	17
<i>Sobre esse trabalho</i>	18
DESENVOLVIMENTO	20
SOBRE A ESCOLHA DE RESIDÊNCIA	20
<i>Sobre minha primeira escolha</i>	20
<i>Sobre meus colegas</i>	21
<i>Sobre a revisão bibliográfica</i>	22
<i>Sobre perfis de alunos</i>	22
<i>Sobre outros fatores</i>	23
<i>Sobre o Brasil</i>	25
<i>Sobre a visão em diferentes anos</i>	26
SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA	27
<i>Sobre minha primeira escolha</i>	28
<i>Sobre a decisão</i>	30
<i>Sobre a minha segunda escolha, a residência</i>	32
<i>Sobre o início</i>	32
<i>Sobre o segundo ano</i>	33
<i>Sobre o terceiro ano</i>	37
<i>Sobre o fim do ciclo clínico</i>	39
<i>Sobre o internato</i>	39
<i>Sobre o término da graduação</i>	41
<i>Sobre toda essa caminhada</i>	42
SOBRE MINHA TERCEIRA ESCOLHA	45
<i>Sobre Acontecimentos e problemas</i>	46
<i>Sobre experiências que agregaram</i>	48
<i>Sobre vivências</i>	49

Sobre participações em atividades.....	51
Sobre docentes e outros profissionais.....	54
Sobre o que não falei.	54
<i>Sobre meu próximo ano.....</i>	<i>62</i>
SOBRE O HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	64
<i>Sobre gestão hospitalar</i>	<i>65</i>
Sobre a criação da EBSEH.....	66
Sobre sua atuação	66
Sobre a visão dos funcionários.....	67
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76

INTRODUÇÃO

Sobre a universidade

A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é uma instituição de ensino superior pública e federal brasileira, sediada em São Carlos, no estado de São Paulo. De acordo com o site da instituição, esta foi fundada em 1968 como a primeira instituição federal de Ensino Superior no interior do Estado de São Paulo e até hoje permanece como a única. (UFSCAR, [s.d.]

Fotografia 1 - Entrada do campus principal da UFSCar



Foto: Reginaldo dos Santos/EPTV

Sobre o Campus

O Campus principal, no qual se encontra o curso de medicina, o mesmo site relata que possui uma área de 6.450.000 m², sendo 188.100 m² de construções. Sua estrutura, conta com mais de 300 laboratórios, biblioteca, ambulatório, dois teatros, nove anfiteatros, 12 auditórios, ginásio, parque esportivo, sete quadras, duas piscinas, restaurante universitário, quatro lanchonetes, 124 salas de aula, 575 vagas internas de moradia estudantil, além do Hospital Universitário, da Unidade de Saúde-Escola e da Agência de Inovação.(UFSCAR, [s.d.]

Sobre o Departamento e o Curso

O Departamento de Medicina (DMed) é vinculado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UFSCar, localizado no Campus São Carlos. De acordo com o site do departamento, este foi criado juntamente com o Curso de Medicina da UFSCar em 2006 para englobá-lo. Curso esse, que de acordo com o Cremesp, o curso está entre os 8 melhores cursos de medicina públicos do estado. (CREMESP, 2018; DMED, [s.d.] a)

Desde sua criação, o departamento recebeu muitos profissionais e alunos e atualmente, entre efetivos e substitutos, conta com cerca de 90 docentes que atuam no ensino, direção do Hospital Universitário, da Unidade de Saúde Escola e da Unidade de Simulação em Saúde, além de colaborarem em funções estratégicas na Secretaria Municipal de Saúde e em serviços assistenciais do SUS. (CREMESP, 2018; DMED, [s.d.] a)

Fotografia 2 - Fachada do departamento de medicina



Fonte: Elton Sitta/Graco projetos

Sobre a graduação

A graduação em medicina pela UFSCar tem como foco a inserção precoce no cenário da prática profissional a fim de integrar o conhecimento técnico-científico com a prática, atingindo assim as competências necessárias para vivência médica, com ênfase no SUS. Além disso, o curso é baseado no aprendizado por problemas e em técnicas construtivistas como a repetição de conteúdos a fim de agregar mais conhecimento a cada revisão, técnica conhecida como espiral construtivista.

O curso é dividido em três ciclos de dois anos, conhecidos como ciclo básico, ciclo clínico e internato. Nos primeiros dois anos temos contato apenas com as unidades básicas, realizando principalmente visitas domiciliares. É nesse momento, no qual mais estudamos as matérias base do curso, que conhecemos a metodologia e aprendemos a buscar fontes confiáveis.

No segundo ciclo temos uma maior carga prática, uma vez que realizamos atendimentos de ginecologia, pediatria, saúde da família e clínica médica, sempre sendo supervisionados pelos docentes. Com esse contato precoce com a prática médica, em especial no segundo ciclo, ganhamos uma visão muito melhor sobre a clínica e uma maior fixação de conteúdo. Aqui cabe a frase de William Osler: *"Quem estuda medicina sem livros navega num mar desconhecido, mas quem estuda medicina sem pacientes não vai ao mar."*

Já no último ciclo de 2 anos, o internato, somos introduzidos a diversos cenários como o Hospital Universitário (HU), a Santa Casa de Misericórdia de São Carlos, a Unidade Saúde Escola (USE) e novamente as Unidades Básicas de Saúde do Município, desta vez realizando atendimentos com muito mais autonomia. (DMED, [s.d.] a, [s.d.] b)

Sobre a proposta

O curso de medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) prevê como trabalho de conclusão de curso a elaboração de um memorial de formação, buscando analisar a capacidade do estudante de sintetizar sua trajetória de formação e a relação com suas vivências na prática profissional., bem como analisar criticamente essa trajetória. (BUOGO; CASTRO, 2013; DMED, [s.d.] b)

Esse gênero pressupõe um texto com características de vários tipos textuais, podendo apresentar aspectos de textos narrativos, descritivos, expositivos e até mesmo dissertativos. Contudo, o predomínio se deve às características narrativas, buscando, de maneira similar a uma crônica, narrar uma experiência particular do escritor a fim de passar uma mensagem que tenha correspondência nas experiências coletivas. (BUOGO; CASTRO, 2013; DMED, [s.d.] b)

O texto proposto, por se tratar da formação do estudante, apresenta parte dos acontecimentos da vida acadêmica deste. Quanto ao formato, pode apresentar uma cronologia livre, um registro de histórias interconectadas, tidas como acontecimentos memoráveis ou que valem a pena serem contadas.

Essas histórias são interpretadas pelo autor para criar uma realidade que se conecta a uma questão central e está submersa em uma suspensão da descrença, uma licença poética para ampliar a palatabilidade da narrativa bem como sua fluidez. Com isso, o autor busca passar uma mensagem através de suas experiências da formação acadêmica e da formação humana e ao trazer essas vivências, pode ressignificá-las trazendo à tona mensagens até mesmo antes obscuras ao próprio autor. (BUOGO; CASTRO, 2013; DMED, [s.d.] b; DO; PRADO; SOLIGO, 2003)

Sobre esse trabalho

Minha graduação se iniciou com um trabalho que consistia em elaborar uma narrativa para responder uma simples pergunta: “por que medicina? Por quê UFSCar?”. A proposta era criar uma narrativa sobre a escolha do curso de graduação e da faculdade na qual iria cursá-lo. De tal modo, o exercício buscava gerar uma reflexão sobre nossa trajetória e ajudar-nos a entender nossas escolhas para o futuro. Uma ideia interessante, mas que achei de muito difícil execução tendo em vista a imaturidade, seja pela minha pouca idade ou por falta de experiências, que apresentava na época em que fiz essa escolha.

Portanto, refletindo sobre minha graduação, pensei que seria interessante que esta terminasse com um questionamento similar ao de como começou. Portanto minha proposta para este memorial é apresentar uma narrativa sobre minha trajetória focada em porque escolhi uma residência específica ou um trabalho em particular para o meu futuro.

Para isso, dividi o trabalho em 4 partes interligadas entre si. Primeiramente falarei sobre o tema da residência, minha opinião prévia antes das reflexões, opiniões de colegas e por fim uma breve pesquisa nas bases Scielo e Pubmed a fim de dar um maior embasamento às minhas reflexões. A segunda parte será uma retrospectiva de minha caminhada até aqui, para, com isso, mostrar os motivos de minha escolha de residência. Já a terceira parte do trabalho será sobre outras escolhas profissionais e planos futuros. Finalmente, para a quarta parte do texto, trouxe outra breve pesquisa sobre um tema de meu interesse e que se relaciona com a área para qual tenho inclinação.

Posto isso, aproveito para explicar o porquê da repetição da palavra “sobre” e também o próprio título desse texto. Inicialmente, devo dizer que no ano passado tomou força um modismo recente, o uso da expressão “é sobre isso” em um contexto não habitual, um provável anglicismo. Esse uso, no entanto, tonou-se rotina e passou a se apresentar com uma frequência crescente, em especial nos meios digitais. Nesse contexto, o uso recorrente da palavra nos títulos, é apenas uma alusão a como essa expressão vem sendo usada rotineiramente, de fato não passo um dia sem ouvi-la mais de uma vez. Já acerca do título, por estar cansado desse emprego alternativo da expressão, resolvi, em protesto, utilizá-la realmente em seu sentido mais tradicional, afirmando que esse memorial é sobre o assunto anteposto à expressão.

DESENVOLVIMENTO

Sobre a escolha de residência

Dada a responsabilidade de se escolher uma profissão, muitos jovens se alienam de outras questões e acreditam que seus dilemas profissionais terminarão no ato dessa escolha. Com isso, ao entrar na graduação muitos estudantes se veem perdidos com a necessidade de em alguns anos realizar uma nova escolha para sua vida profissional. (AVILA DAYSE, 2009; DIAS; SOARES, 2012)

Essa escolha é influenciada por diversos fatores, sendo alguns mais globais e comuns a maioria dos estudantes, enquanto outros são mais particulares e afetados pela personalidade e demografia destes. Contudo, todos são de vital importância para a educação médica e para o planejamento da saúde pública no futuro, uma vez que as escolhas vão ditar as áreas mais concorridas, as áreas com mais profissionais e em parte até mesmo as com maior retorno financeiro. Assim, as áreas pouco atrativas geram escassez de profissionais e lacunas no cuidado. Portanto, faz-se mister na esfera pública a compreensão dos fatores que norteiam essa escolha, principalmente para áreas em que há necessidade de profissionais para atender as demandas

Porquanto planejava falar sobre minha escolha de residência, resolvi primeiramente entender a escolha dos demais estudantes, sejam meus colegas ou estudantes de outras localidades. Em relação a meus colegas, optei por fazer uma pesquisa informal questionando alunos de minha sala sobre a motivação de sua escolha de residência a fim de ter um panorama geral do meu entorno. Já quanto os estudantes de outras localidades, optei por fazer uma pequena revisão não sistemática nas bases Scielo e Pubmed com o intuito de fundamentar melhor minha visão das motivações, respectivamente, de alunos brasileiros e de outros países.

Sobre minha primeira escolha

Ao longo da graduação tive o interesse despertado por várias áreas e por diversas possibilidades de futuro. Para ser sincero, até mesmo hoje, com apenas dois meses restantes para me formar, ainda me sinto confuso ante as possibilidades que se abrem. Contudo, com o passar dos anos e o acumular de experiências foi ficando

mais claro um norte para o caminho que quero seguir - aliás, para ser mais preciso, os nortes pelos quais quero orientar minha trilha.

Quanto a minha opinião do que leva a essa escolha profissional, acredito que esse processo de escolha é influenciado por diferentes fatores e o valor que é atribuído a cada um dos fatores é muito individual bem como a motivação de cada aluno pode ser totalmente diferente. Esses fatores englobam afinidades prévias e descobertas, estilo de vida, visão de mundo, experiências ao longo da graduação e pessoas ao redor do estudante.

Em relação a minha escolha, bom, ao ler sobre minha graduação e experiências espero que entenda o que me levou a ela. Aliás, elas no plural, pois tenho uma escolha de residência que quero fazer, neurocirurgia, e uma escolha de área de atuação que a despeito de minha escolha de residência pretendo atuar ao longo da minha vida, a área de gestão.

Sobre meus colegas

Quando realizei minha pesquisa informal com meus colegas, percebi que os fatores determinantes das escolhas profissionais eram de fato variáveis e em muito dependiam de uma miscelânea de características intrínsecas e extrínsecas ao aluno questionado. Os critérios usados para tal decisão variavam de acordo com a personalidade e visões de mundo do estudante. Além disso, eles também eram em muito influenciados por questões sociais, familiares, de amigos e até mesmo de atividades extracurriculares que o colega questionado participou ao longo da graduação.

Considerando as respostas, percebi que alguns estudantes optaram por uma residência pensando na qualidade de vida, alguns no ganho financeiro, alguns buscavam atividades mais práticas ou uma rotina mais agitada e alguns calma e estabilidade. Houve colegas que começaram a gostar de uma especialidade por afinidade prévia ou por aprender a gostar de estudar alguma matéria relacionada a essa especialidade. Além disso, outros decidiram por conta de experiências durante a graduação, seja algum acontecimento específico, um professor tido como exemplo ou ainda por algum estágio que realizou. Ter família formada e filhos também foi algo importante para a escolha, bem como precisar de dinheiro rapidamente para se

manter ou até ajudar os pais. Sobre pais, alguns pareceram sofrer influência de pais ou outros familiares que já trabalham na área.

Sobre a revisão bibliográfica

Após essas entrevistas, resolvi realizar minha pesquisa nas bases supracitadas e para minha surpresa obtive uma resposta similar à que já tinha de meus colegas. Vale citar que alguns fatores como retorno financeiro parecem mais globais aos estudantes em maior ou menor grau, contudo, outros fatores variavam de acordo com o país da pesquisa, gênero do participante, condição financeira, experiências e vivências individuais. (ALI et al., 2015; KUMAR et al., 2014; SARIKHANI et al., 2021; SCHEUER et al., 2012)

Sobre perfis de alunos

Apesar do retorno financeiro parecer ser um fator relevante em todas as pesquisas que encontrei, no geral, os estudos detectam dois grandes perfis de estudantes. Nesses estudos, cada um dos grupos apresenta um conjunto de motivos de escolha e outros fatores que influenciam esse motivo. De um lado é descrito um perfil de pessoas que optam por carreiras focando no retorno financeiro, prestígio e desafios. Em contraponto um segundo perfil parece também ter certo interesse no retorno financeiro, mas apresentando um maior foco em cuidado integral com o paciente, qualidade de vida e tempo para a família.

Vale a ressalva feita por um dos artigos que muitos dos estudantes enquadrados no primeiro perfil supracitado muitas vezes não têm experiência prática suficiente e nem mesmo consciência do estresse das profissões relacionadas a esse modelo de vida. Assim, esse desconhecimento dos “contras” dessa escolha pode influenciar a visão positiva de tais alunos acerca desse grupo de valores e raciocínios utilizados para guiar a escolha da futura residência. (ALI et al., 2015; KUMAR et al., 2014; SARIKHANI et al., 2021; SCHEUER et al., 2012)

Além disso, algumas pesquisas demonstram associação de alguns fatores demográficos com determinado perfil de escolha, mostrando esses fatores não como determinantes, mas como relacionados tendência de ter um ou outro grupo de motivos de escolhas. Por exemplo, esse primeiro perfil parece estar mais relacionado ao sexo

masculino, faculdades em regiões metropolitanas, privadas e com currículo focado no tratamento e não no paciente, enquanto o segundo perfil se refere aos fatores opostos. (ALI et al., 2015; KUMAR et al., 2014; SARIKHANI et al., 2021; SCHEUER et al., 2012)

Esse padrão de diferenciação entre preferências masculinas e femininas parece ser mais importante em países de baixa e média renda como a Índia, China, países africanos e do sudeste asiático. Em um estudo indiano, por exemplo, observou-se que em sua maioria, os homens optaram por cirurgia e medicina interna, áreas voltadas a ganhos financeiros e desafios. Enquanto isso, as mulheres optaram por Ginecologia e Pediatria, especialidades com mais contato humano e qualidade de vida. (ALI et al., 2015; KUMAR et al., 2014; SARIKHANI et al., 2021; SCHEUER et al., 2012)

Todavia, em países de maior renda, essa proporção, embora existente, parece ter menor importância, o que pode ser explicado pela tendência em países desenvolvidos de quebra do paradigma cultura que coloca a mulher como cuidadora da casa e do homem como provedor financeiro. Deve-se ainda levar em conta outros fatores associados que diminuem essa relação, como exemplo pode-se citar maior dependência financeira, necessidade de cuidar de filhos e endividamento ou outros motivos que levem o estudante a necessitar de dinheiro rapidamente. (KUMAR et al., 2014; LEVAILLANT et al., 2020; SARIKHANI et al., 2021)

Sobre outros fatores

Sobre o endividamento, em universidades pagas, a importância do retorno financeiro aumenta, em especial no curto prazo. Isso se deve a muitos destes alunos contraírem dívidas para financiar a sua educação. Em alguns países como nos Estados Unidos o endividamento estudantil tem crescido e alguns artigos que encontrei argumentavam que esse grau de dívidas, bem como essa motivação financeira para a escolha da especialidade podem influenciar futuramente não só a disponibilidade de especialistas de cada área como também o valor cobrado por esses profissionais. (AHMED ALAWAD et al., 2015; ALI et al., 2015; BALE et al., 2013)

Outro fator que contribui para esse aumento da importância da questão financeira na escolha é a atual diminuição da quantidade e qualidade das oportunidades de emprego em relação a oferta de profissionais. Esse fator se mostrou

importante em algumas pesquisas, sendo associado a uma diminuição do prestígio, respeito e retorno financeiro da carreira médica ao longo dos anos. Um dos artigos fala sobre a importância social da profissão, principalmente devido a relação existente entre médico e paciente, mas relata que historicamente esse valor vem se perdendo ao passo que os médicos são submetidos as regras impostas pelos sistemas de assistência à saúde, em especial os particulares. (CORSI et al., 2014; KUMAR et al., 2014; SCHEUER et al., 2012)

Alguns estudos sugeriram que traços de personalidade específicos podem predispor os indivíduos a escolher alguma especialidade específica, mas as evidências ainda parecem insuficientes para tal afirmação. Contudo, o que pode ser dito é que alguns fatores que direta ou indiretamente se relacionam a esses traços são de fundamental importância nessa decisão. Alguns exemplos desses fatores são: interesses pessoais, competências, experiências pessoais com determinadas doenças ou especialidades, conhecimento da vivência de uma especialidade e valores pessoais, estes, muito atribuídos a diferenciação dos dois perfis citados no início da pesquisa. (ALI et al., 2015; KUMAR et al., 2014; SARIKHANI et al., 2021; SCHEUER et al., 2012)

Já em relação a nacionalidade dos entrevistados, a maioria dos estudos que encontrei se baseava em países desenvolvidos. Porém, ao comparar com países em desenvolvimento, a relevância de certas questões na escolha de uma residência é variável.(LEVAILLANT et al., 2020). Por exemplo, em dois estudos sauditas as principais influencias na escolha foram casos interessantes e interesse na disciplina, desafios, estilo de vida e impacto na vida do paciente.(KALIYADAN et al., 2015; MOHAMMED et al., 2020).

Já em uma pesquisa etíope as principais causas foram: inspiração durante a prática profissional (41,6%) seguida de ganho financeiro, dedicação ao campo, necessidade de formação e esforço requisitados pela especialidade e ainda a influência de um professor, todos estes aparecendo em aproximadamente 20% das respostas.(ASSEFA et al., 2017).

Além disso, na maioria das pesquisas que encontrei a área básica era pouco preterida ante as outras, mas havia uma maior presença desta nas respostas de países em desenvolvimento. Podemos tomar como exemplo um país desenvolvido como Israel, em que em um dos estudos feitos, nenhum dos 275 estudantes de quinto ano da graduação de medicina relatou interesse nessa área. (WEISSMAN et al., 2012)

Sobre o Brasil

No Brasil, o retorno financeiro e a qualidade de vida são apontados como principais motivações para a escolha da especialidade médica. Além disso, estilo de vida e oportunidade de emprego, que em parte são similares a essas motivações, também se mostram aspectos relevantes. Vale ressaltar que outros fatores, como afinidade com a especialidade, satisfação pessoal/profissional e gratificação, são também determinantes para a escolha. (CORSI et al., 2014; MARTINS et al., 2019; POTT; POTT, 2020; TINOCO et al., 2017).

Esse perfil de preferência, segundo dois estudos nacionais, parece, dentro de uma mesma faculdade, não sofrer grande influência da condição financeira do estudante, o que destoa um pouco do achado em alguns estudos internacionais.(CORSI et al., 2014; MARTINS et al., 2019; POTT; POTT, 2020; TINOCO et al., 2017).

Todavia, um estudo, diferentemente do anterior, encontrou uma relação em alunos bolsistas de maior importância para a duração da residência e ganhos financeiros rápidos, especialmente conforme a renda do estudante era menor, situação similar a achada em revisões internacionais. (CABRAL FILHO; RIBEIRO, 2020; CORSI et al., 2014)

Além disso, outros achados como a dicotomia de perfis também se mostraram presentes em estudos brasileiros. Algumas dessas pesquisas também mostram estudantes que tinham foco em prestígio e retorno financeiro ante estudantes que priorizam qualidade de vida e contato com o paciente. (CORSI et al., 2014; MARTINS et al., 2019; POTT; POTT, 2020; TINOCO et al., 2017)

Em uma das pesquisas, entre os estudantes que escolheram Saúde de Família e Comunidade as motivações foram “carga horária relativamente baixa com horários definidos”, juntamente com “olhar médico ampliado, além do biomédico”, seguido de “oportunidade de trabalho em qualquer região”, e, por fim, “atuação ampla em diversas disciplinas médicas”. (CORSI et al., 2014; MARTINS et al., 2019; POTT; POTT, 2020; TINOCO et al., 2017)

Tais motivações parecem em harmonia com o visto em estudos e revisões internacionais, ainda mais se considerarmos que alguns pontos negativos encontrados como baixa remuneração, pouco prestígio e a sensação de que a

especialidade é “fácil demais” também foram recorrentes na literatura tupiniquim. Todavia, alguns apontamentos e queixas se sobressaíram no estudo brasileiro como as más condições de trabalho, experiência com profissionais desmotivados, ter de trabalhar no SUS e pouco investimento governamental. (CORSI et al., 2014; MARTINS et al., 2019; POTT; POTT, 2020; TINOCO et al., 2017)

Ainda sobre a questão da atenção primária em oposição a outras especialidades, outros estudos também mostram a tendência à especialização dos acadêmicos. Um exemplo é um estudo brasileiro no qual 65% dos estudantes do último ano relataram estar seguros para atender “casos clínicos em geral”, contudo, somente 20% destes mostraram interesse por começar a trabalhar em no atendimento de medicina geral após a formatura, o que inclui, entre outros serviços, o Programa Saúde da Família. Dos demais estudantes, 64% gostariam de ser “especialistas”, divididos em 41% que tinham interesse na área de clínica e 23% de interessados na cirúrgica. (ARAUJO DE OLIVEIRA; LUIZ; ALVES, 2011)

Sobre a visão em diferentes anos

Quanto a diferença na importância que alunos dão a cada fator ao longo da graduação, alguns estudos se propuseram a fazer essa comparação e encontram semelhanças e diferenças na visão dos alunos do primeiro ciclo com os demais, porém devido à complexidade da questão e baixo número amostral, acabam chegando a conclusões diferentes. (DIAS; SOARES, 2012; LEVAILLANT et al., 2020; MARTINS et al., 2019)

Um exemplo de estudo sobre o tema é uma pesquisa realizada com na faculdade de medicina Cesupa. Nessa pesquisa, os principais fatores que influenciaram a escolha de residência pelos acadêmicos do primeiro ano foram: influência familiar, afinidade pela área e renda financeira esperada. Já no quarto ano os dois últimos fatores se mantêm, acrescidas de: influência de professores e a expectativa de tempo livre na especialidade. (MARTINS et al., 2019)

Enquanto isso, outro estudo também brasileiro, comparando o primeiro e o terceiro ciclo, teve respostas diferentes. Enquanto os aspectos mais importantes para o primeiro ciclo foram estilo de vida e foco em saúde pública, os alunos do último ciclo valorizaram mais conselhos de amigos, lazer, interação com outros médicos, conselho

de parentes, admiração a um mentor e um departamento renomado. (CABRAL FILHO; RIBEIRO, 2020; LEVAILLANT et al., 2020)

Ambos os resultados, contudo, parecem dialogar com os achados de uma revisão sistemática de 2020. Nesse estudo, os estudantes do primeiro ano pareciam valorizar aspectos como local de trabalho, bem-estar, relação com pacientes e o contato com a população, enquanto acadêmicos do último ano valorizavam mais a carga de trabalho, estilo de vida e vivências pessoais, em especial durante a graduação. Esse último item, que por sua vez se relaciona com respostas encontradas pelos graduandos do segundo estudo, demonstra a importância das experiências durante a formação acadêmica (CLELAND et al., 2012; LEVAILLANT et al., 2020; WEISSMAN et al., 2012).

Entretanto, vale observar ainda outro estudo brasileiro que, em oposição a essa ideia da importância das experiências acadêmicas, destacava o pouco impacto das ligas acadêmicas na decisão da especialidade. Nessa pesquisa foi relatada uma correlação entre a residência escolhida e ter participado de uma liga da área menor de que 1/3, afirmando que outros fatores pessoais e experiências fora das ligas seriam mais importantes para a escolha. Com isso, afirma que a participação do aluno nestas ligas apenas demonstraria um interesse prévio e não teria tanto valor com influência para sua decisão. (DE MOURA PONTES; DE; TORREÃO, 2019)

Sobre minha experiência

Uma vez que apresentei os resultados de minhas entrevistas, assim como os de minha pesquisa, chegou o momento de relatar a minha experiência. Ao pesquisar os fatores que influenciaram a escolha dos estudantes de medicina brasileiros e de outros locais ao longo do globo, reconheci muitos de meus questionamentos e visões durante a graduação, isso somado as conversas com meus colegas me fizeram lembrar de vários momentos em que me fiz questionamentos sobre o futuro.

Ao pensar nisso, lembrei daquela pergunta do início do curso sobre o motivo de termos escolhido essa graduação e esse lugar. Uma vez que comecei a refletir sobre, percebi que após ter vivido a graduação, poderia dar uma resposta diferente a essa pergunta sobre minha primeira escolha profissional, o meu curso e faculdade. Assim, relatarei a você, leitor, a resposta que acredito ser a mais correta quando olho para meu passado.

Sobre minha primeira escolha

Quando minha turma foi questionada acerca de sua escolha muitos relataram um interesse pelo curso desde pequenos ou após assistirem séries médicas na adolescência, contudo, não posso dizer que esse seja o meu caso. Para ser sincero, não sonhava desde pequeno em fazer medicina, mais do que isso, na verdade, meu interesse só surgiu no final do segundo e início do terceiro ano do colegial e não foi revelado até prestar os vestibulares e passar pelo ENEM na UFSCar.

Antes de optar pelo curso de medicina, tinha diversos interesses. Pensava em fazer engenharia de produção, pois gosto de organizar e de otimizar as coisas e esperava trabalhar com isso. Também pensava em relações internacionais por gostar muito de diplomacia, lidar com pessoas, gestão, relações entre os países, geografia e história. Pensava que ao cursar relações internacionais, poderia estudar para fazer uma prova para ser diplomata e trabalhar com isso.

Pensava ainda em engenharia física para estudar mais profundamente física e química e assim entender melhor o mundo em que vivemos, para poder saber melhor como agir nele, mesmo motivo pelo qual tinha interesse de conhecer lugares, pessoas e visões de mundo diferente. Independentemente da escolha, queria ainda trabalhar com política um dia para poder trabalhar com gestão e poder fazer algo de bom em maior escala para o mundo e para as pessoas.

Nesse momento imagino que deva estar pensando, mas o que medicina tem a ver com isso? Na verdade, até hoje não sei completamente, mas acho que posso ao menos tentar dar uma resposta mais adequada depois desses 6 anos conhecendo mais sobre o curso e sobre mim. Além disso, acredito que já se passou tempo suficiente para conseguir me distanciar ao menos um pouco da situação e ver com mais clareza meus pensamentos e atitudes.

Bom, sobre quando e como passei a querer medicina o que posso dizer com certeza é que passei a sentir uma vontade quase repentina, mas também crescente de fazer esse curso desde o fim do segundo colegial. Contudo, justamente por não entender e por não estar tão relacionado às minhas outras opções eu resolvi guardar essa vontade em segredo por medo de julgamentos. Além disso, também tinha medo de que fosse uma escolha muito irracional e injustificada, o que depois de uns anos,

quando comecei a conhecer mais a visão das pessoas sobre o curso, passou a ser até engraçado de se pensar, já que para muitos a escolha é apenas lógica.

Ao chegar na época dos resultados dos vestibulares, eu estava com uma vontade ainda maior de fazer medicina, mas havia prestado tudo menos esse curso. Contudo, para minha sorte, o esquema de seleção do ENEM permite que o aluno escolha o curso e a faculdade após receber a nota. Nesse momento, havia feito uma balança de prós e contras de prestar medicina, apresentando como diferencial os cursos de engenharia de produção e relações internacionais (RI).

Para nortear minha decisão e tentar torna-la mais racional quis estabelecer alguns parâmetros mais concretos de comparação entre esses cursos, como qual gostaria de cursar, qual pode ter a atuação profissional mais interessante e em qual era mais provável eu fazer algo que gostasse.

Nesse sentido, sabia que entre os três, provavelmente a graduação que mais iria gostar seria de RI, depois medicina e por última engenharia de produção. Entretanto, sabia também que ao me formar, a chance de trabalhar com o que queria era maior em medicina, depois engenharia e por último RI. Além disso, percebi que os motivos de querer as outras duas graduações não eram excludentes de fazer medicina e poderia facilmente trabalhar com organização, gestão ou até mesmo política sendo um médico, assim minha escolha parecia até fácil.

No entanto, isso não era verdade, - para ser sincero, mesmo após receber minha nota eu ainda tinha vergonha de colocar meu nome para concorrer a vaga de medicina. Tinha medo de parecer que estava fazendo porque era concorrido, porque familiares queriam ou mesmo por questões financeiras.

Sobre essas causas, não posso nem dizer que influenciaram minha escolha, uma vez que embora muitos colegas de terceiro colegial valorizassem essa profissão e tivessem interesse nela, na escola em que estudei até o segundo colegial a situação era diferente; medicina não era um curso com tanto status. Além disso, minha família nunca me pressionou nesse sentido e nem tive familiares ou amigos próximos dos meus pais que fossem médicos.

No que toca a motivação pela parte financeira eu realmente acreditava que médicos ganhavam muito menos do que ganham; minha família nunca foi rica, mas sempre achei que vivíamos muito bem com cerca de 4 a 5 mil por mês, então acreditava que médicos ganhassem cerca de 6 mil ou um pouco mais.

Tampouco posso dizer que minha escolha era por uma vontade genuína de ajudar os outros, não que não queira isso, na verdade quero muito e sempre busco fazê-lo, contudo, sempre achei que poderia ajudar mais as pessoas trabalhando com política do que como médico. Penso isso porque poderia ter um alcance e fazer uma diferença maior, pois, ao invés de ajudar um paciente por vez, poderia ajudar muitos cidadãos com uma única medida, além de que, se eu não estivesse trabalhando de médico em um local, era bem possível que houvesse outro médico fazendo ao menos um trabalho similar ao meu. Já como político, posso tentar fazer coisas que a pessoa que estaria no meu lugar provavelmente não faria.

Sobre a decisão

Depois de 6 anos de graduação, o que me parece é que simplesmente aparentava ser uma área muito interessante, uma área que poderia entender melhor o funcionamento do mundo e das pessoas, bem como utilizar bastante raciocínio para resolver problemas. Essa complexidade me atraía como um desafio acadêmico, ao mesmo tempo que a ideia de uma profissão mais prática me parecia muito mais condizente com meu perfil. Tenho Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e sempre fui agitado, um pouco impulsivo e também impaciente. Com os anos aprendi a manejar os sintomas para ser funcional, mas a ideia de um trabalho puramente teórico, como trabalhar em um banco ou alguns empregos burocráticos em empresas me parece torturante, inclusive pensar que esses seriam os prováveis empregos, ao menos no início de carreira, de minhas outras opções de graduação era muito desanimador.

Mas ainda que tivesse racionalmente decidido que medicina seria a melhor escolha, não tinha coragem de dizer isso aos outros. Entretanto, nesse momento, tive uma pequena ajuda do destino. Para explicar essa ajuda, devo dizer que nessa época havia me mudado para São Carlos para morar com minha mãe (fui criado por meus avós, mas se tentar explicar o motivo acredito que precisaria de algumas páginas a mais e bem... tenho consciência de que esse não é um memorial sobre minha vida, mas sobre a graduação, além do que, acredito que já tenha me estendido demais quanto ao tema).

Essa mudança de cidade acabou sendo bem conflituosa, minha mãe-vó, a pessoa que me criou juntamente com meu pai-vô, acabou ficando magoada e se

afastou de mim na época, porém acredito que tenha sido a escolha correta. Minha motivação para isso era fazer o terceiro colegial em uma escola que meu padrasto dava aula e que era bem mais conceituada do que a escola que fiz minha formação até aquele momento, além de ter um cursinho noturno que fiz junto ao colegial, assim teria mais chance de passar no curso que escolhesse prestar. Nessa época estava perdido, então tentei me preparar o máximo para poder ter o poder de ao menos concorrer a uma vaga não importando qual curso escolhesse.

Meu padrasto, como professor de cursinho, havia visto muitos alunos quererem medicina justamente por motivos supracitados como retorno financeiro, pressão familiar e prestígio, assim, ele valorizava muito o curso de medicina. Valorização essa que devo agradecer, pois, com isso, ao saber da minha nota (que ele não esperava que eu tivesse), ele resolveu tentar me convencer a fazer o curso de medicina. Admito que fiquei tentado a aceitar de cara, mas até me fez um pouco de difícil só para não demonstrar que também queria prestar o curso, porém no mesmo dia da sugestão já coloquei minha inscrição para o curso.

Quanto ao porque UFSCar, poderia até tentar ser educado e dizer que já conhecia o curso e parte do método por ter ido em um workshop. De fato, não estaria mentindo, mas sou uma pessoa que gosta muito de conhecer coisas novas e ter desafios, assim, em nada me agradava continuar em São Carlos morando com minha mãe e padrasto. Não digo isso por uma desavença ou por um motivo pessoal, mas por isso não condizer muito com minha visão de vida para o futuro.

Sobre essa visão, parte dela se reflete no fato de que desde a adolescência busco sempre ser uma pessoa melhor, aprender a lidar com situações, aprender mais, ter mais sabedoria e até mesmo um físico melhor. Como surgiu essa ideia de ser melhor nas coisas e ter experiências, no entanto, foge um pouco demais ao escopo desse trabalho, bem como o modo em que isso se tornou uma autocobrança que geraria muita ansiedade e problemas no futuro.

Assim posto, não me parecia atrativo manter-me no conforto do lar, com o mesmo padrão de vivência que havia tido até então, queria conhecer pessoas, viver em lugares diferentes e enfrentar os desafios a isso relacionados. Contudo, não tive muita escolha. Até passei em outros lugares, mas pela questão financeira de morar em outra cidade, assim como para não gerar muito atrito com meus familiares, acabei optando por ficar aqui mesmo. Entretanto, não que seja algo ruim, de fato se pudesse voltar no tempo, sabendo de como isso me moldou, não mudaria essa escolha, mas

admito que na época não gostei muito e até tentei argumentar contra, porém fui voto vencido.

Sobre a minha segunda escolha, a residência

Até aqui relatei apenas a minha resposta do “porque medicina, porque UFSCar”, peço desculpas se fui prolixo, mas acredito que será útil para compreender melhor quem eu era e como isso me levou às minhas futuras escolhas, ou nas palavras de Confúcio: “ Se queres prever o futuro, estuda o passado”. Assim sendo, agora acredito que deva voltar a atenção ao tema central desse memorial, o que me levou a minha escolha de residência.

Sobre o início

Quando entrei na faculdade tinha diversos interesses, visões sobre algumas áreas, gostos por matérias específicas e principalmente, uma dúvida se era realmente aquilo que queria para minha vida. Como entrar neste curso não foi algo tão planejado, eu não conhecia tanto sobre as residências e nem sobre o trabalho, a isso se soma não ter nenhum parente ou amigo próximo dos meus pais que trabalhe na área. Assim, estava novamente perdido com o mar de possibilidades que se abriam.

Inicialmente, minha atenção se voltou para psiquiatria, saúde coletiva e infectologia. A primeira por gostar de entender as pessoas, a segunda por gostar de administração e a última por me parecer incrível entender a complexidade do funcionamento do sistema imune. Como muitos colegas, fiquei muito empolgado para conhecer mais sobre essas especialidades e bem frustrado ao ver que teria que passar por toda a área básica antes. Apesar disso, gostei do curso e ao final do ano e depois de algumas crises existenciais, decidi que era o que queria mesmo como carreira.

Com isso, foquei meu interesse em matérias específicas, como fisiologia, e conforme fui avançando ao longo do primeiro ano fui vendo um pouco de outras matérias que me interessaram, como bioquímica e como ela se relacionava as demais matérias, mesmo que compreendesse apenas superficialmente. Bom, pela minha pesquisa isso indicaria uma inclinação para medicina interna, algo que de fato acho

interessante, mas meus interesses nos anos posteriores são mais assertivos em deixar mais claro o que me atrai mais.

Sobre o segundo ano

No segundo ano me tornei monitor de histologia, gostava da atividade, da professora responsável e dos colegas, talvez por isso aprendi a gostar da matéria, tive também contato com a liga de saúde mental, com professores de saúde coletiva e com um pouco de imunologia. Apesar de gostar de histologia, a parte que mais me interessava era sua relação com a fisiologia. Já quanto a liga de saúde mental, bom, admito que não consegui aproveitar muito e isso me desestimulou um pouco para a área. Sobre a saúde coletiva, não tive boas experiências, especialmente no segundo ano e isso me afastou completamente. Por fim, quanto à imunologia, gostei muito de estudar e até da liga de infectologia, porém percebi que apesar de gostar muito da área, não me agradava muito a parte prática da vivência do infectologista e muito menos do alergista.

Com isso, apenas fiquei mais perdido quanto à residência, uma vez que as visões que tinha foram quebradas. Associado a isso tive um péssimo ano, não tinha prazer nenhum em comparecer às atividades e quase fui reprovado por faltas em todas elas. Para ser justo, nas atividades da SP eu apenas faltei alguns dias por não ter conseguido estudar adequadamente, mas gostava da discussão. Já quanto às outras duas disciplinas, tinha uma péssima relação com os docentes e criei uma aversão às atividades.

Na prática profissional, gostava de visitar meus pacientes, inclusive despendia de 6 a 10 horas da semana em visitas com meus colegas. Tanto me agradava a atividade que algumas vezes fazia as visitas muito fora do horário destinado a elas, pois alguns pacientes só poderiam ser visitados à noite. Entretanto, na reflexão da prática eu não conseguia me concentrar na discussão, algum momento apenas não conseguia ouvir o que era falado e até chegava a sair durante a atividade para tentar voltar a me concentrar. Além disso, não sentia nenhum apoio na prática vindo dos professores, pelo contrário, sentia que me traziam prejuízo.

Não obstante, pactuei com o professor realizar uma revisão dos prontuários da unidade a fim de encontrar todos os pacientes com queixas psiquiátricas ou que usassem psicotrópicos como trabalho de intervenção, assim, semanalmente dei um

repasse do que fazia a ele, contudo ao termino do ano recebi um “precisa melhorar” (que em meu curso corresponde a uma reprovação na disciplina) com a justificativa de que essa intervenção fugia do planejado, já que deveria intervir em um grupo como um grupo de caminhada ou no meu caso fui designado a intervir no grupo de saúde mental. A crítica poderia ser justa, se não fosse o fato de não existir um grupo de saúde mental na unidade e por isso ter discutido com esse mesmo professor fazer tal levantamento nos prontuários para construir esse grupo, porém aparentemente ele esqueceu dessa conversa e ignorou meus repasses semanais.

Entretanto, essa não foi a única justificativa do “precisa melhorar”, na avaliação dizia que eu participava bem da discussão, porém que não tinha vínculo com meus pacientes, o mais interessante desse argumento é o fato do avaliador nunca ter ido na unidade ver minha prática e muito menos ter visto alguma visita, além de eu e meu trio despendem no mínimo o dobro do tempo médio dos outros estudantes em visitas domiciliares, chegando inclusive a ir em recitais de pacientes ou em festas de aniversário algumas vezes. Apesar dessas críticas, devo admitir que nunca senti maldade por parte do professor e acredito que de alguma forma fazia o que achava correto.

Já quanto à Estação de Simulação, na teoria seria uma atividade que eu deveria gostar, uma vez que adoro coisas práticas. Apesar disso, tive alguns problemas, primeiramente tive dificuldade para estudar devido a problemas pessoais, mas o principal problema foi minha dificuldade em realizar a anamnese e manter um raciocínio linear durante as simulações.

Não sabia com certeza na época, mas sou portador de TDAH e com isso tenho dificuldade de foco, meu raciocínio é claramente arborizado, rápido e aparentemente confuso para os outros, muito porque pulo de uma ideia para a outra rapidamente e depois retorno a um ponto que havia sido abordado em outro momento. Acho que uma forma de entender seria pensar como se minha cabeça fosse um computador e eu estivesse lendo um texto nela, assim cada vez que encontro algo interessante no texto eu abro outra aba e procuro sobre, as vezes retorno ao texto e as vezes nessa nova aba encontro outra coisa interessante e então pesquiso em outra aba... assim, se acumulam páginas abertas e eu intercalo entre elas.

Apesar de achar divertida, essa forma de pensar é muito contrária a uma anamnese clássica, ainda mais para um aluno que ainda está aprendendo a dominar os questionamentos e o raciocínio clínico. Assim tive problemas nas simulações e

não só não entendia a causa como não conseguia ver uma solução. Para agravar essa questão, minha facilitadora não só não me ajudava dizendo o que fazer de diferente na anamnese, como não comentava nada sobre meu exame físico, apenas dizia que estava ruim, que estava tudo muito confuso. Não obstante, ela me desincentivava a fazer medicina, também dizia que eu repetiria de ano e ainda que pediria que me reprovassem na avaliação final.

Apesar disso, acabei passando nessas duas disciplinas e aprendendo o que deveria. Restando assim, comentar sobre a atividade na qual ganhamos a maior parte de nossa carga teórica, a Situação Problema. Quanto a essa disciplina não tenho muito o que falar, acho que até poderia tecer algumas críticas sobre algumas atividades específicas, escolhas de conteúdo, ordem de atividades o fato das queixas postas em ADEPEAs (espaço no qual poderíamos apontar problemas e soluções) serem ignoradas entre outras coisas, mas nada que seja relevante a esse texto.

Para não deixar de apontar algo, talvez a única crítica que valha salientar seja quanto ao estudo do chamado “psicossocial”, apelido de um aglomerado de matérias relacionadas a parte psicológica, jurídica ou social da questão (por isso o apelido). Quanto a essas matérias, o problema é que estão presentes nas ementas e até são discutidas, porém com a mesma profundidade de uma piscina infantil, claramente são deixadas de escanteio em prol de questões biológicas, dado o formato da atividade não há tempo hábil para um estudo aprofundado dos temas propostos, muito menos para sua discussão, principalmente quando são colocados junto de outros temas que evidentemente o estudante de medicina vai valorizar mais, com isso, ao invés de combater a ideia de estudar apenas a parte biológica, acabamos somente replicando o mesmo do ensino tradicional, mas com um teatro de fingir que o aluno aprendeu algo.

Uma vez que falei desse teatro, me sinto com a necessidade de desabafar sobre outro aspecto presente na maioria das discussões de todas as atividades do primeiro ciclo e em grande parte das atividades do segundo, a cobrança da fala. Tendo em vista nosso modelo de avaliação, existe uma cobrança para que os alunos falem durante a discussão, em certo grau isso é saudável e necessário, entretanto, disso surgiu um processo danoso que vejo se repetir em todos os anos que acompanhei passar pelo primeiro ciclo desde que entrei na faculdade. Tal processo se configura pela maior valorização do falar em prol do saber, os alunos se preocupam muito mais

em pontuar algo na discussão, em mostrar que estudaram algo, do que de ato de saber o que estão discutindo.

Essa preocupação se reflete em pessoas que decoram algumas poucas frases para dizer na hora, alunos que imprimem textos e recitam na discussão, momentos de tensão velada na atividade, entrave e formatação rígida da discussão. Pode-se dizer que com isso os discentes recebem semanalmente uma pílula com sua dose de ansiedade e ao longo dos anos desenvolvem processos mentais patológicos, *burnout*, abuso de substâncias entre outras questões.

Sobre minha participação na atividade, bom, desde o começo da SP até hoje percebi que meu formato de raciocínio não é muito adequado a atividade, assim, sempre evitei começar os assuntos uma vez que tornaria a discussão de certa forma confusa. Assim, para garantir minha participação, pontuava algumas vez questões no meio da discussão, complementava algo ou falava curiosidades, o que é muito funcional quando estudava bem, mas ineficaz se tivesse apenas um estudo básico.

Posto isso, ressalto que no início do primeiro ano faltei em muitas atividades, tendo chegado ao limite de faltas antes da metade do primeiro semestre, além disso, tinha um estudo básico das disciplinas por questões de organização, manejo de tempo e motivação. Nesse sentido, somente agradeço a minha facilitadora Débora uma vez que, mesmo nessa situação ela me incentivou a continuar.

Admito que foi um incentivo à sua maneira, que era principalmente me cobrando, mas não como outros docentes, no seu caso sempre pude sentir que ela realmente se importava com meu desempenho. Com isso, me senti mais motivado a não mais faltar até o final do ano e tentar estudar mais para as discussões o que de fato funcionou. Percebi que tive uma melhora ao longo do tempo. Em meu curso, após cada discussão os alunos e docentes eram obrigados a avaliar a atividade, o grupo e seu desempenho individual. A professora em questão durante todo o semestre fez diferente, ela além dessas avaliações, fazia uma avaliação da minha participação na discussão, o que de fato era ansiogênico, mas pela forma que foi feita acabou funcionando e minhas últimas avaliações eram sempre boas.

Sobre isso, apesar de agradecer muito a professora, sei que com outros alunos isso não teria funcionado e que muitos alunos acabaram não tendo uma relação tão boa com ela por conta da forma com que as cobranças são feitas, portanto espero que com o tempo ela consiga dosar mais a quem manter esse tipo de cobrança, o que de fato é um trabalho mais difícil, mas que vale muito a pena para a carreira do

estudante. Mas, novamente agradeço, pois, ter alguém que demonstrasse interesse pela minha melhora era exatamente o que eu precisava na época.

Além das matérias tradicionais, temos um espaço na grade de cada ano com cerca de um mês para fazer alguma disciplina eletiva ou estágio a nossa escolha. Sobre minha escolha de eletiva, fiz um estágio prático na área de patologia em um serviço de verificação de óbito, especialmente para ter mais contato com anatomia. Bom, agora que expliquei as matérias que fiz ao longo do ano, chegou o momento de falar sobre meu interesse em residências. Infelizmente, nesse ano não consegui pensar muito sobre, apenas desisti de desejos anteriores e por muito tempo tive momentos em que queria desistir também da medicina, mas no geral sou bem resiliente e principalmente teimoso, então isso não passava de pensamentos esporádicos.

Sobre o terceiro ano

Assim cheguei ao terceiro ano, com isso novos desafios surgiram, mas quanto a minha vida pessoal tive uma boa melhora no início do ano, apesar de ter algumas dificuldades financeiras. Isso me motivou a tentar pensar de novo sobre o futuro, tentar estudar melhor, me organizar mais e ir atrás de um tratamento para o TDAH. De fato, após iniciar o tratamento percebi que as coisas ficaram muito mais fáceis, especialmente realizar uma anamnese, pois conseguia pensar mais o que ia perguntar e manter uma linha de raciocínio. Na verdade, muitas coisas se tornaram mais fáceis, como não perder coisas, uma vez que agora, magicamente me passava pela cabeça o pensamento de que talvez estivesse esquecendo algo. Além disso, percebi que mesmo me organizar no geral se tornara uma tarefa bem mais simples, finalmente eu entendia o porquê de certas críticas que eram feitas a mim e o motivo de não entenderem algumas atitudes que eu tinha.

Nesse ano tive contato com ginecologia, pediatria, clínica médica e um gostinho de cirurgia. Vale destacar que, diferentemente do ano anterior, tive um professor de saúde da família que me ensinou muito sobre medicina baseada em evidências e foi uma chama de esperança na área após eu ter conhecido profissionais que baseavam suas condutas apenas em sua opinião.

Após esse contato com novas disciplinas, rapidamente descobri que não tinha apreço pelas áreas de GO ou pediatria. Embora tenha gostado de estudar, aprender

sobre e de fazer exame físico, além de ter feito eletiva em obstetrícia e neonatologia neste ano, quando paro e penso sobre elas de modo mais amplo, não consigo ver como a área de atuação que seguirei em minha vida. Apesar disso, conheci e até gostei de subáreas dessas especialidades, em especial neuropediatria e sexologia.

Ao chegar no terceiro ano tive ainda mais contato com SPs de especialidades e, com isso, foram surgindo novos interesses. Entre esses interesses destacam-se neurologia, cardiologia, oncologia, endócrino e medicina de urgência. As três primeiras por gostar de estudar e a última por gostar da prática. Participei da liga de cardiologia, saúde mental, neurologia e alguns simpósios de outras ligas como oncologia, traumatologia e endócrino. Também fui monitor de patologia, fiz uma Iniciação Científica sobre causas de contaminação e de descarte leite materno no banco de leite, escrevi um capítulo de livro de histologia, tive que aprender a fazer resumos para um portfólio de estudos, organizei um congresso de medicina e um de saúde mental além de participar de um projeto de extensão de planejamento familiar com a prefeitura. Essa miscelânea de atividades me deu uma visão de algumas áreas, mas ao término do terceiro ano as principais candidatas para residência eram nessa ordem: neurologia, oncologia, cardiologia, psiquiatria, ginecologia e traumatologia.

Essa preferência de escolha se devia em sua maioria ainda a gostar de estudar essas disciplinas, mas já começava a pensar um pouco na prática profissional. Quanto às ligas, não foram de muita relevância para querer ou não uma residência, na verdade foi mais o raciocínio inverso, estava na liga por querer fazer determinada residência, o que curiosamente corresponde ao que encontrei na literatura em minha pesquisa. Já os simpósios e congressos foram interessantes para ver curiosidades e consequentemente despertar interesse em algumas áreas.

Quanto a outro fator que pareceu relevante na escolha segundo minha pesquisa, professores que influenciaram as preferências, até o término do terceiro ano tive um ponto negativo e dois positivos. Quanto ao ponto negativo, tive percepção muito ruim de saúde coletiva, o que me afastou totalmente da área. Já quanto aos pontos positivos, tive uma percepção muito boa de GO, o que juntamente com minha curiosidade me fez ter interesse especialmente pela área de sexologia, além de ter também uma impressão muito boa sobre neuropediatria, o que se tornou um interesse importante. Sobre a iniciação científica, portfólio e capítulo de livro, percebi que odeio ser obrigado a estudar fazendo resumos, assim como perder tempo com algumas burocracias que dificultavam minha coleta de dados, mas ao mesmo tempo gostei

muito de escrever o capítulo de livro e de juntar os dados da pesquisa, além disso, gostei também de interpreta-los e pensar em soluções de acordo com os achados.

Sobre o fim do ciclo clínico

Iniciando a segunda metade do curso tive o quarto ano (segundo ano do ciclo clínico), que em muito é similar ao terceiro, apenas estamos mais maduros e preparados. Nessa época começava a pensar que deveria ter uma noção melhor de qual residência gostaria de seguir, portanto, participei da liga de neurologia, urgências e trauma e ainda tentei participar dos simpósios das demais ligas para conhecer mais sobre as áreas.

Com essa progressão no curso tive mais contato com profissionais e suas rotinas, bem como mais SPs de algumas especialidades também, além das simulações da ES de saúde mental, oftalmologia e cirurgia. Tudo isso me ajudou a dar um direcionamento melhor ao que tinha interesse, sendo que minha lista de preferências após essas vivências era respectivamente: neurologia, psiquiatria, oncologia, cirurgia, sexologia (GO) e traumatologia.

Devido a esse gosto por neurologia tentei fazer uma iniciação científica na área, fiz um estágio de 80h e estudei um pouco por fora, além disso tive prática profissional com foco em neurologia por metade do segundo semestre, o que foi muito proveitoso. Fiz também eletiva em radiologia e cirurgia para conhecer melhor as duas áreas, gostei muito de ambas, passei a me interessar mais por cirurgia, mas quanto a radiologia, não acredito que seria uma opção de profissão pela falta de emoção e de contato humano.

Sobre o internato

Após isso, finalmente cheguei no internato. No início do quinto ano fiz eletiva em clínica médica, ambulatorios e em anestesia para conhecer melhor outras especialidades. Foram estágios proveitosos, voltei a gostar mais de cardiologia e descobri um gosto pela anestesiologia, principalmente quanto ao manejo de drogas, contudo, não gostei muito da prática da especialidade. Nesse ano não participei de ligas ou atividades extracurriculares, apenas mantive minha iniciação científica em neurologia e participei de alguns simpósios e congressos.

Estava em minha quinta semana do primeiro estágio, saúde da família, quando as aulas foram paralisadas pela pandemia do COVID-19, assim, até setembro não tive mais atividades da graduação. Utilizei esse período para repensar sobre mim, sobre problemas pessoais que vinham se arrastando, sobre questões acadêmicas e sobre meu futuro. Também nesse momento assisti palestras e simpósios de algumas especialidades, despertei um gosto por medicina intensiva e por neurocirurgia em especial. Por fim, repensei os motivos de querer cada especialidade e percebi que o que mais me atraía na psiquiatria era a interface com a neurologia e os fármacos.

Quando as aulas voltaram em setembro a minha lista de especialidades favoritas eram respectivamente: neurologia, cirurgia, neurocirurgia, oncologia, psiquiatria, medicina de urgência e sexologia (GO). Reiniciei meu quinto ano, dessa vez começando por GO e depois cirurgia. No estágio de cirurgia tive contato com aulas sobre ATLS, ortopedia, cirurgia e com situações de urgência. Nesse contexto aprendi a gostar de ortopedia e também a gostar ainda mais de urgência e de cirurgia em si, assim no final do ano minha lista seria: neurologia, cirurgia e traumatologia, neurocirurgia, ortopedia, medicina de urgência, psiquiatria e sexologia (GO).

Após esse estágio e até minhas férias entre o quinto e sexto ano tive alguns problemas financeiros e de relacionamentos que me tiraram o foco dessa escolha, além disso, não houve acontecimentos nos estágios que poderiam alterar muito essa lista. Tive primeiramente o estágio de clínica médica, no qual estava passando por um momento difícil em muitos aspectos, me deparei com uma grande carga de conteúdo e também me deparei com a finitude da vida, perdi pacientes e vi colegas perderem muitos mais, me lembrei do serviço de verificação de óbito e de como para os funcionários de lá aqueles corpos não eram mais pessoas que foram entes queridos, mas sim apenas um trabalho a ser concluído, algo sem vida.

Posteriormente tive os estágios de pediatria e de ambulatorios, os quais aproveitei mais tendo em vista minha condição financeira e mental. Nesse contexto, pensando no final de 2020 e até metade de 2021, novamente repensando o que gostava em cada especialidade, o que percebi foi que dentro da cirurgia tinha mais interesse em neurocirurgias do que em cirurgias gerais, mas conhecia pouco a área e para ter certeza precisava de mais vivências nesse sentido.

Além disso, pensei que a parte clínica da neurologia não seria excluída da minha vivência se fizesse neurocirurgia; na verdade, se o quisesse, poderia fazer alguma pós-graduação em neurologia clínica se o quisesse, porém, o contrário era

muito mais difícil. Ademais, uma das cirurgias da ortopedia que mais gostei foi a de coluna, o que também pode ser feito por neurocirurgião e por fim, existe uma grande interface da neurocirurgia com a oncologia e também com a ideia de urgências e emergências. Após essas reflexões minha lista foi atualizada e meu interesse maior passou a ser em: neurocirurgia, cirurgia e traumatologia, neurologia, ortopedia, medicina de urgência, psiquiatria e sexologia (GO).

Sobre o término da graduação

Após o término do quinto ano, na tentativa de colocar à prova a minha intenção de realizar neurocirurgia, fiz um estágio de duas semanas em um hospital grande acompanhando o dia a dia de residentes, um R1 e um R4, de neurocirurgia. Foi um estágio com uma carga horária muito intensa, mas serviu para comprovar que de fato aquilo me parecia muito mais incrível que as outras coisas. Com isso, passei a ter uma maior inclinação para neurocirurgia e com o andamento dos estágios posteriores fui tendo mais certeza dessa escolha.

Após o estágio de férias se iniciava aquele que espero ser meu último ano de graduação. Assim, tive como primeiro estágio a pediatria, quanto a especialidade, esta já não estava no meu hall de escolhas, - na verdade me interessava mais pelos casos cirúrgicos e neurológicos da enfermaria e UTI. Nesse sentido, acompanhei alguns casos e consegui entrar em duas neurocirurgias de casos que acompanhava na enfermaria, principalmente graças a um professor neurocirurgião que me ajudou.

O próximo estágio foi saúde da família, muito útil para treinar atendimentos mais corriqueiros da prática médica, mas novamente o que mais me chamou atenção foram os casos neurológicos e psiquiátricos. A seguir foi o de cirurgia, onde tive contato com emergências e com várias cirurgias, inclusive ortopédicas e neurológicas, além de alguns procedimentos.

Ao final do ano de 2021 iniciei o estágio de clínica, que para muitos é tido como o mais importante e com maior demanda de carga teórica, mas para mim, tinha ainda mais importância visto que quando o realizei no quinto ano estava tão envolto de problemas pessoais que pouco o pude aproveitar. Felizmente acredito que pude ter maior proveito nessa segunda passagem, estágio passou infinitamente mais rápido e sem a pressão e estresse do ano anterior, em verdade inclusive planejo utilizar parte do meu tempo livre no último estágio para visitar a enfermaria e pronto atendimento,

em vista das possibilidades de aprendizado lá. Além disso, por coincidência, ou talvez inconscientemente eu acabe indo atrás, tanto na enfermaria quanto em plantões, tive contato com muitas enfermidades neurológicas, em especial casos de AVCs, pude ver muitas sequelas de processos agudos e crônicos que não foram adequadamente manejados, o que me motivou mais ainda pela área com o intuito de tentar melhorar a prevenção dessas sequelas que trazem muita perda funcional e morbimortalidade aos pacientes.

Por fim, terei meu último estágio em ginecologia e obstetrícia, curiosamente o mesmo em que iniciei o quinto ano. Devido a uma lei federal vigorada por conta da pandemia de COVID-19 nos foi oferecida a opção individual de não realizar ou realizar parcialmente esse estágio. No meu caso, optei pela realização integral, tanto pela possibilidade de aprendizado quanto por medo de minha escolha afetar meu currículo. Por enquanto tive apenas a primeira semana e essa era a de menor carga horária em todo o estágio de 6 semanas, assim aproveitei para ir em algumas manhãs no estágio de clínica, pois ainda sinto certa insegurança quando penso que dentro de 6 semanas estarei formado e serei responsável por escolhas que afetam muito a vida dos demais.

Sobre toda essa caminhada

Enfim chego ao ponto onde estou, me aguardam ainda 5 semanas até a formatura, mas ainda mantenho as mesmas visões que construí ao longo desses 6 anos e que agora compartilhei com o leitor desse texto, ainda contarei um pouco mais sobre o que passei ao final do texto, porém não poderei me aprofundar muito uma vez que tenho um tema já delimitado do qual já fugi inúmeras vezes.

Após toda essa caminhada acredito que tenho uma decisão quase que certa sobre a residência de neurocirurgia, mas uma vez que minha proposta era expor os motivos de optar por esta residência acredito que cabe uma síntese do porquê atualmente me atraio tanto por essa área.

Desde o começo da graduação escolhia a minha possível residência de acordo com as matérias que gostava de estudar, inicialmente fisiologia, depois bioquímica e imunologia, depois no segundo e terceiro ciclo endocrinologia, cardiologia, oncologia, psiquiatria, anestesiologia e principalmente neurologia. No geral essas matérias tinham uma interface na complexidade bioquímica, influência de sinalizadores e de canais de íons para gerar sinais. O motivo para gostar de psiquiatria e anestesiologia

é o mesmo, o funcionamento do sistema nervoso e fármacos que atuam neste, algo englobado na neurologia.

O motivo de gostar de imunologia, oncologia e endocrinologia é a atuação de sinalizadores como citocinas e hormônios e a resposta bioquímica a estes, contudo não gosto da prática dessas especialidades e sei que poderia dentro da neurologia, também, trabalhar com ideias similares de sinalização. Já a cardiologia me parece interessante pela transmissão de impulsos e pela resposta a estimulação de receptores como os adrenérgicos, o que também se assemelha a neurologia.

Todas as passagens relatadas sobre o internato serviram para reforçar meus gostos tanto pelas áreas de cirúrgicas como neurocirurgia, cirurgia e ortopedia, quanto pelas áreas clínicas de neurologia psiquiatria e medicina intensiva. Contudo, o mais importante é que esses estágios permitiram entender mais claramente a interface dessas áreas, o que me tranquilizou quanto a minha escolha, uma vez que percebo que em qualquer uma dessas áreas posso ser feliz.

Apesar disso, também cheguei à conclusão de que a neurocirurgia englobava mais os meus gostos, assim como os motivos de gostar das demais especialidades. Portanto, me parecia a melhor escolha a se fazer, o que foi apenas se confirmando cada vez mais ao longo do tempo, assim, termino minha graduação com o pensamento de seguir por essa área no futuro.

Além disso, existem outras coisas que me atraem na neurologia, como o fato de sabermos pouco sobre várias patologias e sobre o funcionamento do sistema nervoso, o fato das doenças neurológicas terem múltiplas apresentações e a ideia do cérebro de certa forma conter o indivíduo e todas as questões psicológicas envolvidas. Assim, pensando na parte teórica, dentre as especialidades clínicas não me restam dúvidas de que escolheria a residência de neurologia.

Contudo, ao decorrer do curso tive mais acesso a prática e passei a valorizar mais isso em minha escolha. Assim, percebi que gostaria de fazer algo que envolvesse ou atividades práticas como cirurgia, ou pensamento rápido como medicina interna.

Dentro das áreas cirúrgicas, como ortopedia, cirurgia geral e neurocirurgia, percebi que tinha mais interesse em assistir e participar de neurocirurgias, além disso, a perspectiva de novas técnicas cirúrgicas com neuronavegação e cirurgias funcionais me parecem realmente muito interessantes, assim tendo a escolher mais essa residência em detrimento as outras.

Ademais, a interface com a neurologia possibilita que se um dia quiser, posso facilmente fazer uma especialização na área e ter contato com a parte clínica da neurologia. Portanto, minha escolha acaba ficando mais entre a neurocirurgia e a medicina intensiva, contudo meu gosto pessoal claramente é maior pela neurocirurgia; em muito simpatizo com a ideia de desconhecido quanto ao cérebro, procedimentos cirúrgicos e diversidade de atuação, associada a possibilidade de manter uma rotina não tão agitada quanto a de um intensivista, mas ao menos próxima.

Se levar em conta minhas pesquisas, não destoou muito de alguns estudantes que optam por áreas cirúrgicas por esse mesmo motivo, apesar disso, não correspondo muito aos dois perfis pré-estabelecidos, definitivamente não escolhi a área cirúrgica por qualidade de vida (tenho consciência da carga horária e necessidade de fazer plantões), porém não escolhi por retorno financeiro ou status. Na verdade, correspondo mais a alguns grupos de estudantes que escolhem por gostar de atividades práticas, desafios, afinidade com a especialidade e com disciplinas a ela relacionadas.

Para ser sincero, se tivesse pensado na parte prática mais cedo, ou tivesse realizado os estágios em cirurgia e neurocirurgia em anos anteriores, poderia nem ter considerado tanto a maior parte das especialidades clínicas como cardiologia e infectologia, as quais não tinha tanto interesse quanto neurologia, por exemplo. Entretanto, tive ótimos professores e preceptores em diversas áreas clínicas e na verdade acredito que se não fossem os professores eu não teria pensado na maioria das minhas opções de residência.

Quanto a isso, de fato neurologia, psiquiatria, oncologia e neurocirurgia seriam áreas que naturalmente iria me sentir atraído, o que não tira o mérito de professores e profissionais dessas áreas que conheci, inclusive porque alguns destes me fizeram pensar ainda mais nessas residências. Ressalto ainda, que mesmo os profissionais que não me fizeram sentir mais atraído por essas especialidades, ao menos não me afastaram delas, como por exemplo ocorreu com a área de saúde coletiva que também naturalmente sou atraído, mas desisti de cursar devido a experiências ruins.

Quanto às demais áreas que pensei, acredito que a forma que as vejo teve grande influência de professores e até mesmo de colegas. Claro que tive bons professores de outras áreas que não me despertaram interesse, mas na verdade é preciso uma combinação de boas influências com algo da especialidade que me chame atenção.

Com o passar da graduação a influência de docentes e colegas foi diminuindo, mas assumo que por exemplo cirurgia e ortopedia se tornaram tão importantes para mim em parte por que são a primeira e a segunda opção de um dos meus melhores amigos e colega de apartamento, mas claro, já eram áreas que me chamariam a atenção de qualquer modo.

Sobre minha terceira escolha

Como havia comentado, a escolha de residência não foi a única que realizei como plano de vida. De fato, pretendo não só ser neurocirurgião como também trabalhar com gestão algum dia. Essa segunda escolha ainda é abstrata, mas se trata de um norte para o qual quero rumar independentemente de minha residência.

Como falei anteriormente, eu sempre gostei de pensar e organizar coisas, tanto que pensava em fazer engenharia de produção, bem como gostava de lidar com pessoas, vide minha outra opção de graduação ser relações internacionais. Além disso, entrei na graduação de medicina pensando em me especializar em saúde coletiva, contudo, dadas minhas péssimas experiências, criei uma certa aversão à área com o tempo. Dado isso, até o meio do meu quinto ano eu sabia que gostava de gestão e política, inclusive a cada ano percebia ainda mais que sentia isso, mas não conseguia pensar em trabalhar com gestão relacionado a medicina, uma vez que me parecia saúde coletiva.

Entretanto, mantive meus gostos pelo trato com pessoas, raciocínio lógico, organização e capacidade de juntar informações. Essas prerrogativas poderiam descrever a medicina no geral, de fato, inclusive as próprias diretrizes do meu curso afirmam que tem a intenção de fazer o estudante aplicar raciocínio científico, buscar dados e informações, ou nas palavras das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de medicina: “avaliar evidências e práticas no cuidado, na gestão do trabalho e na educação de profissionais de saúde, pessoa sob seus cuidados, famílias e responsáveis”. Mas, apesar disso, essas características que aprecio, parecem em especial estar ainda mais presentes quando se pensa no contexto da saúde coletiva e na gestão no geral.

Com isso, vivia um dilema, por um lado me sentia atraído pelo campo e por outro repellido. Assim, durante a quarentena, quando as aulas estavam paralisadas, tirei parte do meu tempo para avaliar essa questão. Percebi que um ou outro

profissional não poderia representar toda uma especialidade, contudo, mesmo com essa mudança no pensamento não conseguia colocar Saúde Coletiva no hall de possibilidades para meu futuro. Entretanto, percebi também que a residência de saúde coletiva é apenas um dos caminhos para trabalhar com administração e gerenciamento, logo, eu precisava somente trilhar um dos vários outros.

Ainda refletindo durante a quarentena, lembrei-me da minha visão de ajudar pessoas e de que sempre achei que trabalhando com política poderia ajudar muito mais os outros do que como médico. Pensando sobre isso, vejo que com uma gestão adequada posso fazer um local atender mais pessoas e com mais qualidade, não obstante, posso criar projetos que atinjam mais pessoas.

Nesse sentido, ainda tem o ponto de que se acaso eu não fosse dar algum plantão, provavelmente outro médico iria em meu lugar e faria um trabalho similar ao meu, contudo, ao gerenciar processos com mais eficácia eu poderia fazer coisas que outras pessoas talvez não fizessem se estivessem em meu lugar. Uma frase que fala um pouco o que sinto é do professor brasileiro Idalberto Chiavenato: “O caminho para o desenvolvimento social e econômico – seja de um país ou de uma organização – passa necessariamente pela administração”.

Em suma, apesar de entrar na graduação pensando em gestão e acabar desistindo no segundo ano de graduação, aos poucos fui recuperando minha vontade de trabalhar na área. Essa aspiração crescente se deu principalmente devido a acontecimentos e problemas vivenciados durante minha trajetória, associados a trabalhos, projetos e até mesmo vivências que envolviam administrar recursos, situações, informações ou mesmo pessoas.

Sobre Acontecimentos e problemas

Nosso curso permite o contato precoce com a prática e isso traz muitos benefícios, porém também nos apresenta diversas falhas do sistema de saúde desde cedo e nos traz a sensação de incapacidade de agir ante essas situações. Os problemas vão do macro com mau direcionamento de recursos e protocolos burocráticos e desconexos da prática profissional até má gestão local, falta do uso de evidências, falta de médicos nas unidades e até mesmo falta de comprometimento em alguns casos.

Além disso, somam-se os problemas inerentes ao meu curso, um curso novo, com uma metodologia atualizada, mas que não se pode atualizar dada a rigidez do projeto político pedagógico. Esse projeto busca ser inovador e reformular a ideia de graduação em medicina, contudo, tem diversos problemas de aplicabilidade devido a sua não revisão ante a prática profissional e a impossibilidade de ser reformulado sem uma burocracia que de tão grande chega a ser impeditiva.

Ademais, a formulação do curso se deu em muito por uma questão política, sendo feita às pressas e causando assim alguns problemas organizacionais e demandas não atendidas que foram supridas com acordos informais, boa vontade e improvisos ao longo do tempo. Com isso, gerou-se um problema estrutural que se agrava com a alocação de docentes desorganizada na qual muitos utilizam os primeiros anos como trampolim para o internato, criando uma rotatividade docente e uma falta de capacitação destes pela curta estadia no ciclo, além da falta de um programa mais estruturado de capacitação nos últimos anos em especial.

Embora o curso tenha nascido com um viés político e, portanto, apoio da prefeitura, isso não se manteve com anos. Em muito isso se deve a rotatividade do poder público, uma vez que cada prefeito e secretário de saúde têm visões e relações diferentes com a UFSCar e com o curso. Ademais, o fato de ser um curso novo, com poucos alunos por turma e poucos recursos financeiros não nos municia com o mesmo poder político de outras faculdades.

Associa-se a isso a rotatividade da coordenação do curso e da UFSCar, bem como os problemas estruturais supracitados, gerando muitas variáveis alguns momentos rachaduras nessa relação, e com isso, a uma instabilidade ante a prefeitura e outros órgãos como a Santa Casa, não transmitindo confiança aos gestores desses órgãos.

Assim, somos introduzidos a problemas de gestão em nível nacional, regional e local do sistema de saúde, bem como da nossa própria universidade e curso. Isso pessoalmente me afeta muito, o que me motivou a falar disso nesse memorial. O sentimento de impotência é recorrente e a raiva ao ver protocolos desconexos da prática, mal-uso do dinheiro, desorganização, burocracia inútil e outros problemas similares é constante.

Nesse contexto, temos contato com ótimos profissionais, mas também com pessoas que atuam sem se preocupar com o paciente como ser humano, com pessoas que praticam a mesma medicina de décadas atrás e finalmente temos

contato com pessoas que são contra estudos e evidências, acreditam apenas em sua experiência. Sobre essas últimas, que acreditam ser detentoras da verdade e creem na imutabilidade do conhecimento, gostaria de citar uma frase que apesar de pertencer a um psicólogo chamado Burrhus F. Skinner, em muito cabe a medicina: *"Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente"*.

Todavia, esse sentimento de raiva também é despertado pelas múltiplas vezes em que temos um problema estrutural no curso resolvido de qualquer jeito, quando perdemos docentes ou preceptores por falhas de comunicação ou quando a coordenação é incapaz de gerar um calendário das atividades. Não obstante, ele retorna quando vejo ser impossível a conversa dentro de uma mesma área do departamento ou entre áreas e quando alguns profissionais abusam do poder para conseguir mais status.

Todavia, infelizmente, esse sentimento se desabrocha especialmente quando durante uma pandemia são lançados protocolos nos quais se mistura embasamento teórico, achismo e incongruências e estes são tidos como lei de um órgão cujos membros pouco participam da rede pública, nem tem a devida experiência para tal, mas apresenta um poder absoluto. Por fim, esse sentimento se aflora com a má alocação de dinheiro em projetos interrompidos, obras malfeitas e equipamentos parados e quando vejo que somos obrigados a tomar medidas que não fazem sentido devido a burocracia de instâncias superiores.

Portanto, esses últimos dois anos foram um terreno fértil para esses sentimentos, acompanhei a gestão nacional da pandemia, bem como ouvi semanalmente alguns podcasts sobre a gestão em outros países, fiz alguns cursos e até assisti algumas reuniões de grupos do parlamento europeu para discutir o tema. Após ver todo esse conteúdo é realmente revoltante ver algumas políticas nacionais, estaduais, municipais e locais, ver a forma como vidas são transformadas em moeda política diariamente em todas as esferas do poder.

Sobre experiências que agregaram

Contudo, não foi somente por passar por problemas com a saúde pública e com o curso que tive um aumento gradual na minha vontade de trabalhar nessa área. Na verdade, diversas vivências foram importantes para isso, desde o primeiro ano até

agora no final do sexto. Além disso, a participação de órgãos, organização de eventos e a companhia de alguns profissionais foram de fundamental importância para isso.

Sobre vivencias

Como disse anteriormente, sou portador de TDAH, o que é até mesmo engraçado de se pensar quando falo do meu interesse por gerir e organizar coisas. Todavia, justamente pelo transtorno, tive que aprender a me controlar e me organizar muito bem para ser funcional, tive que desenvolver vários métodos para tal e ser mais organizado, por mais que não pareça, que meus colegas.

Além disso, a hiperatividade favorece realizar “*brainstorms*” e tentar achar respostas e soluções. Sobre achar soluções inclusive, o fato de por diversas vezes perder ou esquecer algo, me distrair e cometer algum erro ou mesmo perder a noção do tempo trouxe muitas vezes sofrimento, mas também, com o passar dos anos, teve aspectos positivos. Devido a essas situações, frequentemente tive que estar resolvendo problemas, consertando coisas ou reinventando meus planos em um curto espaço de tempo. Esses desafios que surgiram me fizeram usar minha criatividade e raciocínio por diversas vezes, o que foi me tornando melhor em achar soluções de forma rápida, bem como a não me desesperar e ser mais resiliente.

Além disso, outro aspecto importante de minha personalidade é a minha curiosidade e necessidade de conhecer coisas novas constantemente. Esse aspecto tem seu lado ruim, uma vez que me torna mais propício a enjoar das coisas, mas também tem o lado bom de me colocar mais aberto para novas experiências. Nesse sentido optei por tentar conhecer pessoas com diferentes visões ao longo da faculdade, o que acredito que colaborou muito para desenvolver minha personalidade e melhorar meu trato para com os outros.

Ainda no sentido de conhecer pessoas e visões diferentes, outra face de minha personalidade que influencia isso é minha demanda por desafios. Sempre busquei competições e desafios, nunca gostei de ser tratado como “café com leite” ou de qualquer forma que sugerisse que não era capaz de algo, assim tentava me desafiar e fazer escolhas que trariam dificuldades para enfrentar. Pensando nisso, percebo que vejo essas dificuldades e desafios no gerir e administrar, parece que teria de lidar com problemas e provações constantemente, o que me parece ideal.

Se eu pensar no diagnóstico de TDAH também poderia explicar esse traço, assim como outros tais quais a propensão a correr riscos e o fato de estar sempre pensando em algo, entretanto acho melhor não me resumir a um diagnóstico. Claro que esses traços podem ser sintomas, mas não deixam de ser quem eu sou, fora que mesmo com medicação, apesar de se tornarem bem menos acentuados, eles continuam existindo, a diferença é que passo a ter um controle muito maior sobre eles.

Nesse contexto, sempre mudava de carteira quando estudava no colégio e sempre gostei de mudar de escola. Já na graduação, tive a oportunidade de morar em 5 casas diferentes, tendo experiências variadas em cada uma e, portanto, conhecimentos que acrescentei na minha formação.

Admito que fugi um pouco do tema proposto, porém na realidade, a importância dessas vivências é que tive que aprender a lidar com pessoas e com situações diferentes, o que acredito ser fundamental para o trabalho de um gestor. Por exemplo, morei no primeiro ano com meu padrasto e aos finais de semana minha mãe vinha ficar conosco. Eles são pessoas com quem não cresci próximo, mas que dada a situação, compreensivelmente, agiam como meus pais. Entretanto não era algo muito orgânico, pois não haviam estabelecido essa relação ao longo dos anos e nem ao menos me conheciam para tal. Nossas visões de mundo diferentes apenas agravam a situação. Essa condição, somado ao fato de nunca terem tido filhos, fazia com que por muito tempo nenhum de nós soubéssemos administrar essa relação, gerando situações atípicas e em alguns momentos até desconfortáveis, mas que de certa forma me fizeram repensar determinadas questões, aprender a lidar com isso e dessa forma contribuíram para meu crescimento.

Antagonicamente, no segundo e terceiro ano morei em uma república, com 15 e com 19 pessoas respectivamente. Nesse local tive que aprender lições totalmente diferentes; aprendi a organizar uma casa com tantas pessoas, lidar com muitos tipos de pessoa, com espaço pessoal e coletivo, com obrigações, com expectativas, além de aprender a me impor e também manejar desentendimentos. Devido ao funcionamento do meu curso, minha rotina era muito diferente da de meus colegas, bem como pela grande quantidade de pessoas pude conhecer uma grande quantidade de histórias diferentes, mas em muito parecidas, até mesmo por de certa forma estarem inseridos em um mesmo contexto.

No ano seguinte, após meus pais conhecerem minha moradia, eles optaram por me obrigar a me mudar com a justificativa do grande número de pessoas poder

atrapalhar os estudos e que isso também dificultava a organização e limpeza da residência. Desse modo, mudei-me para uma república com 8 pessoas, na qual passei um ano e finalmente tive meu quarto próprio. Já no quinto ano morei em uma casa com 3 pessoas (sendo essa a primeira vez que a maioria das pessoas eram do meu curso) e atualmente moro em um apartamento com um colega de sala apenas, o que também trouxe suas lições e desafios.

Essas foram todas experiências importantes para aprender a lidar com pessoas, mas não as únicas que tive e que me marcaram. Busquei conhecer pessoas de diferentes cursos na faculdade, seja conversando com pessoas aleatoriamente em uma fila ou ponto de ônibus, participando de atividades fora de meu departamento, de esportes da faculdade ou até mesmo assistindo aulas de outros cursos, especialmente em meus primeiros anos, nos quais tinha mais tempo livre.

Ademais, dentro do meu curso busquei conhecer pessoas de diferentes grupos e anos. Tentei participar de diferentes ambientes, conheci colegas através do esporte, de festas, em ligas, pelo centro acadêmico, pela atlética e até mesmo abordando algumas pessoas que não conhecia no departamento. De certa forma isso funcionou bem principalmente antes da pandemia, sendo que no auge de minha socialização por assim dizer cheguei a conhecer um pouco mais de 90% dos alunos que estavam matriculados no curso.

Além disso, o próprio curso, embora isole os alunos de outros graduandos da UFSCar pela metodologia diferenciada, nos dá a possibilidade de conhecer muitos pacientes diferentes em diversas unidades de saúde e até mesmo em contexto hospitalar. Assim, podemos conhecer vivências bem diferentes das nossas. Essa possibilidade é única e muito enriquecedora, uma vez que as vidas dessas pessoas se diferem muito da bolha em que me encontro na faculdade, assim, seus aprendizados também em muito se diferem dos meus.

Sobre participações em atividades

Quanto às passagens por instituições e organização de eventos, acredito que todas acrescentaram experiências em muito similares, mas cada uma teve uma importância diferente. A organização de congressos e simpósios foi importante para lidar com organização de horário, divisão de tarefas e em algumas vezes liderança.

Já a participação na criação de um projeto para ajudar calouros quando chegam na cidade me ajudou a aprender a manejar recursos melhor.

Outro fator que me ajudou a me aproximar da área de meu interesse foi a participação de projetos de iniciação científica e de extensão. Ajudei quatro colegas em seus projetos de iniciação, o que reforçou trabalho em equipe, pesquisa, coleta e interpretação de dados. Além disso fiz um projeto na área da neurologia que trouxe benefícios similares. Todavia, a iniciação científica mais relacionada ao tema que realizei foi sobre as causas de contaminação e descarte do leite materno no banco de leite, tendo como objetivo propor medidas para reduzir essa perda que na época chegava a 33% por contaminação.

Quanto aos projetos de extensão, as monitorias foram interessantes para treinar o ensino e a comunicação, mas a monitoria que é mais relevante nesse sentido foi a de planejamento reprodutivo pela prefeitura. Foi um estágio interessante, mas seu valor em relação ao aprendizado relacionado a gestão não se deu pela monitoria em si, mas, pelo fato de que enquanto fazia parte do projeto, eu participava das reuniões do comitê técnico que decidia sobre as laqueaduras e vasectomias e me foi solicitado fazer o levantamento e tabulação dos dados das cirurgias realizadas assim como a fila de espera a fim de coordenar como seria o protocolo e os critérios de prioridade nas filas.

A participação em equipes esportivas ajudou a ver a importância do trabalho de grupo, exemplo, colaboração e especialmente a participação na bateria me mostrou a importância de todos estarem trabalhando juntos e no mesmo ritmo, uma vez que um único indivíduo fora do ritmo poderia comprometer o trabalho de todos os demais, diferentemente de outros esportes em que um atleta pode compensar a falha de outro. A participação como atleta de competições só intensificou esses aprendizados, mas a participação como organização me ensinou a manejar o tempo, ter respostas rápidas, respeitar hierarquia, me preparar para imprevistos, ter proatividade e ajudar os outros, me organizar melhor, contar com os colegas, mas também não contar com eles, trabalhar sob pressão, ter mais atenção, ter mais responsabilidade e também manejar recursos.

Além disso, a atividade mais importante para desenvolver habilidades e gosto pela gestão com toda certeza foi minha participação na atlética. Tive diversos cargos na entidade e com isso vários aprendizados diferentes. Como meu primeiro cargo, patrimônio, sofri muito, pois é um cargo um pouco problemático para quem tem TDAH,

especialmente na época, dado que não sabia de minha condição. Entretanto, aprendi muito sobre organização, gestão de materiais e divisão de trabalho. Já no ano seguinte, como patrocínio pude desenvolver mais minha habilidade de comunicação, persuasão, marketing e minha criatividade, sendo uma função que gostei muito e desempenhei bem.

Posteriormente, assumi o cargo de vice-presidente interno, designação na qual tive muita liberdade de atuação. Essa função não tinha muitas atribuições definidas, por estatuto, deve substituir o presidente em caso de ausência deste, mas as outras funções são extremamente vagas como ajudar o presidente, ser um elo com a gestão e coisas do gênero. Assim, pude moldar as minhas obrigações ao que achava que seria de maior benefício a instituição.

Assim, tornei-me o auxiliar de todos os cargos, ajudando quando tinham uma demanda aumentada ou algo a resolver, além de cobrar o que deveriam fazer e reportar o andamento das atividades a minha presidente. Além disso, tentei estabelecer um diálogo com a secretaria de esportes e criei para mim o cargo de Recursos Humanos, uma vez que não existe essa função pelo estatuto, para cuidar de algumas situações em que a pessoa se sentia mal.

Acredito que essa escolha melhorou muito minhas habilidades interpessoais e até minha autoconfiança, pois hoje penso que se me pedirem para fazer algo eu dou um jeito de aprender a fazer e farei (não disse que farei bem). Entretanto, paguei um custo por essa função, primeiramente a demanda de tempo que tive foi muito grande, mas maior do que a demanda de tempo foi a demanda emocional, principalmente por conversar com tantos colegas que estavam mal e também começar a me culpar quando esses sentimentos tinham alguma relação com a gestão.

A verdade é que ainda não tinha a maturidade e experiência necessária para abraçar tudo que me propus a fazer, mais do que isso eu não me sentia em uma posição de me impor ante alguns colegas, mesmo que em cargos de hierarquia inferior, muito menos questionar atitudes de pessoas do cargo de conselho (grupo de 5 pessoas que já foram da atlética e hoje são responsáveis por orientar a atual gestão). Com isso, não tomei atitudes que teriam ajudado muitas das pessoas que apresentaram questões psicológicas ao meu redor. Em muito contribuiu o fato de minha função de RH não ser algo oficial e, assim, não sentir que tinha o direito de tomar as atitudes necessárias.

Por fim, em meus últimos dois anos assumi o cargo de conselheiro. Nessa posição tive a oportunidade de ver muitas pessoas trabalharem de diferentes maneiras, aprender a falar e ouvir no momento certo, aconselhar e principalmente auxiliar os colegas sem assumir funções que não são minhas prerrogativas. Infelizmente esses dois anos foram em sua maioria sem atividades presenciais para os alunos que não estavam no internato, portanto não consegui transmitir algumas experiências que tive, mas acredito que ajudei ao menos um pouco e que independente disso a próxima gestão fará um bom trabalho. Com essa participação eu pude aprender muito sobre manejo de recursos e pessoas, organização de projetos, planejamento financeiro e de trabalho, liderança e diversas outras habilidades que levarei para vida.

Sobre docentes e outros profissionais

Por fim, apesar de alguns problemas terem surgido, sejam esses relacionados ao SUS, a faculdade ou a docentes, posso dizer que também sou grato por ter tido a oportunidade de aprender com essas dificuldades. Uma visão positiva sobre isso e que achei interessante é a que consta em uma frase do imperador romano Marco Aurelio: “A experiência é um troféu composto por todas as armas que nos feriram”.

Contudo, não poderia deixar de dizer que não tive apenas maus exemplos de gestão e organização na faculdade, na verdade muitos docentes me mostraram como organizar uma atividade, como lutar por melhorias no curso, como lidar com pessoas e como trabalhar com evidências. Além disso, tive a possibilidade de ter conversas sobre gestão com vários profissionais e docentes que somente não vou citar os nomes por medo de esquecer de alguém, mas de fato agradeço a todos que me deram essa oportunidade.

Sobre o que não falei.

Primeiramente queria agradecer se algum leitor chegou até aqui, foram mais de 50 páginas de texto, um pouco mais do que planejava, definitivamente. Contudo, espero não ter sido enfadonho ou muito descritivo em alguns momentos... Dada a liberdade que me foi dada por esse gênero eu de fato acabei intercalando muito entre formas de escrita, seja mais formal ou informal, descritiva, argumentativa ou

informativa, além disso fugi por diversas vezes do foco, algumas destas para explicar coisas que acredito serem relevantes, mas muitas apenas como desabafo de coisas que senti ao recordar dessas memórias.

Tenho que admitir que esse tópico que lhe escrevo nesse momento, certamente poderia ser chamado de justificativas, desculpas ou retratações, todavia, não pretendo ficar somente nisso, planejo desabafar um pouco mais ainda, falar coisas pouco relacionadas ao tópico, assim deixo avisado ao leitor que se por motivos de tempo ou por querer algo mais conciso não queira ler, pode pular ao próximo tópico sem nenhum problema.

Bom, dado o aviso, agora comentarei algumas coisas, entretanto, poucas, uma vez que o texto já deva ter no mínimo o dobro de páginas que lhe fora planejado. Poderia aqui discorrer mais sobre passagens ao longo dos anos, vivências da prática, casos interessantes, experiências que tive com a graduação, eletivas realizadas, experiências de minha vida pessoal, amigos, reflexões sobre a vida, dramas pessoais ou de colegas, estágios do internato ou outros mil temas. Contudo, não quero abusar da paciência do leitor.

Assim, escolhi primeiramente dizer que no momento estou muito feliz com minha vida, não porque vou me formar, mas porque em muito tempo, essa é a primeira vez que me sinto em paz nos diversos âmbitos dela. Desde minha entrada na faculdade tive algumas situações que me fizeram mal, quanto ao primeiro ano, não houve grandes problemas, de fato morar com meu padrasto não era exatamente o que queria, além disso o fato de morar longe da faculdade e perder muito tempo em ônibus, associados a um mal gerenciamento de tempo também me causavam problemas, contudo nada muito grande.

Diferentemente do primeiro, o segundo já me causou um estresse muito maior, quanto a atividades extracurriculares, o fato de exercer o cargo de diretor de patrimônio era muito problemático considerando o déficit de atenção que apresentava, uma vez que era responsável por cuidar e saber aonde estava todo o patrimônio da atlética, além de prestar atenção para que nada fosse perdido. Se durante o semestre foi complicado exercer tal função, durante as competições tive problemas de saúde, e para ajudar eu tinha extrema dificuldade de pedir ajuda e cobrar os outros, assim, acumulei todas as funções relacionadas ao cuidado, organização, coleta e entrega dos materiais, resultado não poderia ser diferente de uma somatização, presença de cefaleia, úlceras, queda na imunidade etc.

Outro ponto que tornou a experiência ainda pior foi a falta de acolhimento nesse momento e ainda o fato de terem se aproveitado do fato de eu não me impor por me sentir um novato para poder jogar faltas próprias em minhas costas ou então me ofender para de alguma forma se sentir superior. Após isso senti muita vontade de sair da instituição, mas sabia que essa atitude era de poucos membros e que seria melhor tentar mudar o funcionamento das cobranças e críticas por dentro da gestão e com isso criar um clima melhor para todos.

Ainda na questão extracurricular, acabei sendo roubado, nisso perdi o celular, notebook e todos meus documentos. Não obstante, o celular e o notebook eram recém comprados, o celular com meu dinheiro e o notebook foi dividido, metade com meu dinheiro e metade com dinheiro de minha mãe e padrasto. Esse dinheiro a que me refiro havia sido juntado por limpar piscina desde meus 11 anos até o terceiro colegial, além de comprar e revender algumas coisas no colégio ou de amigos. Após o episódio, minha mãe e padrasto optaram por não comprar um celular ou computador para mim, ou então me ajudar a pagar os documentos ou mesmo me dar carona para ir no local aonde deveria fazê-los. Eles tomaram essa decisão como forma de me punir para que aprendesse uma lição e não fosse mais roubado. De fato, essa atitude não faz muito sentido, principalmente considerando a situação em que fui roubado, indo da rodoviária para minha casa após voltar da faculdade e com o computador na mochila por estar estudando lá. Contudo, nesse momento entra o que disse de eles não terem ideia de como manejar a situação de criar um filho, eles me viam como alguém de 18-19 anos que de repente passara a ser sua responsabilidade, alguém a quem deviam disciplinar. Entretanto, não me conheciam de verdade, não sabiam como cuidar de uma criança e muito menos como me ensinar algo. Sei que nenhuma de suas atitudes foi mal-intencionada, somente estavam muito perdidos.

Apesar dessas situações terem me feito mal, elas somente causaram problemas pontuais ou um certo estresse durante o ano, mas até aí não seria nada que não pudesse lidar. O maior problema foi que isso ocorreu em um contexto em que já não estava bem, principalmente no que tange na parte acadêmica, não querendo me repetir, mas tive problemas em todas as disciplinas no início do ano, quase repetindo por faltas. Posteriormente tive problemas relevantes na reflexão da prática e de fato não prestava atenção nas discussões, além de não entender o que me era esperado na atividade. Todavia, o maior problema foi na Estação de Simulação, tanto

pela minha dificuldade devido ao déficit de atenção, quanto principalmente a atuação da professora responsável.

Em verdade não esperava um afago por meus erros nas simulações, nem que estes fossem ignorados, todavia, esperava um tratamento com respeito e empatia vindo de uma profissional da saúde. Durante nossa formação médica somos ensinados sobre o impacto de nossa fala, postura e atitudes ante o paciente, orientados a cuidar, acolher, orientar com firmeza, mas mantendo uma escuta compreensiva. Não acredito que seria de alguma forma absurdo esperar o mesmo de uma médica que a mim se apresentava como uma figura de poder, alguém que deveria me ensinar sobre essas atitudes médicas, me fornecer uma figura a qual visse como exemplo. Contudo, não foi o que tive, sei que isso ocorreu com colegas de sala, de curso e de faculdade com a mesma professora e com outros docentes e preceptores, sei ainda de colegas de outras faculdades que passaram por situações similares e até mesmo sei que a literatura possui relatos que demonstram que esse não é um processo regional.

Embora tudo isso tenha ocorrido, iniciei muito bem o terceiro ano, tive, no entanto, alguns problemas financeiros, conversei com meus pais, pedi ajuda e abdiquei de minha formatura, pois não conseguia pagar o aluguel. Isso gerou um pouco de atrito familiar, pois principalmente minha mãe e padrasto não queriam me dar mais dinheiro por acreditar que gastava em besteira, em festas ou até drogas. Não poderiam estar mais errados, uma vez que somente fazia duas refeições ao dia para economizar, não saía ou gastava dinheiro com bobagens, para ser justo, gastava 30 reais por mês na academia e também dinheiro para treinar e competir pela atlética. Contudo, depois de muita conversa meus familiares entenderam minha situação e me ajudaram.

Apesar do problema financeiro, o fato de não ir em festas me ajudou a focar na faculdade, associado a isso passei a tomar medicação para TDAH o que realmente mudou muito as coisas e assim as coisas correram bem até o segundo semestre. Conheci alguém e comecei a sair com a pessoa, no início foi muito bom, mas após algum tempo as coisas ficaram estranhas e o resultado foi que após o término fiquei muito mal, o mês em que houve o término foi e ainda é o pior mês que já passei, diversos fatores contribuíram para isso, alguns externos como problemas na faculdade e principalmente a perda de um amigo naquele mês, outros próprios do relacionamento como inseguranças, tipos de relação estabelecidos, modos de lidar

com as coisas diferentes, palavras ditas e diversos outros. Entretanto, o resultado foi novamente muita somatização, infecções de repetição, surgimento de sintomas depressivos e principalmente de sintomas ansiosos.

No quarto ano eu novamente comecei bem e estava esperançoso de que esse ano seria diferente, conheci outra pessoa, foi tudo bem no relacionamento, as coisas iam bem na graduação e na atlética, tive um pouco de aperto financeiro, mas meus avós me ajudaram, assim tudo ia bem. Já estava no meio do curso e nesse momento comecei a pensar mais em possíveis residências, pensar na rotina profissional entre outras coisas. Também passei a me cobrar mais sobre os conteúdos, porém passei pela sensação comum a todos os estudantes de meu curso de perceber que aquilo que havíamos estudado e tínhamos certeza saber, já não estava mais em nossa mente. Quando muito, o que temos são alguns vestígios que lembramos ao revisitar o tema na tal da espiral, mas realmente a cada vez que vemos um tema de novo ele parece ao menos um pouco mais claro, admito.

Mas, como nem tudo são flores, ocorreu o que contei de ter certa contratransferência dos problemas de colegas da gestão na atlética, além de me culpabilizar por diversas coisas, tive problemas de saúde comigo e também com familiares, o que me gerou um estresse, tive problemas com minha iniciação científica e orientador, quebrei meu dedo e não pude mais treinar meus esportes, entre outras coisas, isso somado aos sintomas de ansiedade que havia começado a ter no ano anterior começaram a me levar a um estado de alerta constante.

Depois de ter diversos problemas com eletivas e algumas incertezas na vida, passei a exteriorizar minha ansiedade em tremor constante de membros inferiores. Logo após isso, minha namorada se afastou, ficou um clima estranho como se algo estivesse errado, então tivemos um incidente que deixou as coisas ainda piores. Sentia que tudo estava dando errado e para completar meu calvário, o tremor que apresentava me levou a falhar na prova de carta e por estar fazendo na cidade dos meus avós, minha prova ficou no limite do prazo de um ano, (o que foi muito burro de minha parte, admito) assim, perdi todo o processo. Logo após isso, minha namorada terminou comigo, assim sentia definitivamente que tudo havia dado errado.

Entretanto, de maneira até engraçada, o que senti após isso foi uma certa paz, como tudo que me causava ansiedade deu errado, nada mais me causava ansiedade e meus tremores de um dia para o outro foram curados. Sobre esses acontecimentos, definitivamente não me eximo de culpa, cometi inúmeras falhas que levaram a isso

tudo e quanto mais ansioso, mais falhas cometia, em alguns momentos também tive um azar acima da média, porém mesmo nesses momentos, com a maturidade que tenho hoje, vejo que poderia ter feito muita coisa diferente, mas infelizmente o rio do tempo só corre em uma direção e de nada adianta pensar nisso, a única coisa que posso fazer é tentar melhorar e não cometer os mesmos erros.

Inclusive, uma das coisas que me arrependo é de não ter sido um namorado melhor, de forma alguma isso se deve a querer não ter terminado ou achar que poderíamos dar certo, na verdade refletindo sobre, não acho que formávamos um casal tão compatível, mas eu apenas não acho justo com ela. Não acho justo porque eu ainda estava mal pelo relacionamento anterior, por isso não me abri direito, não me entreguei de verdade e não cuidei da relação o suficiente, ainda se soma a isso eu ter deixado problemas de outras esferas afetar minha relação, assim, mesmo que até hoje essa mulher com quem namorei afirme que fui um bom namorado ou coisas do tipo, eu sei que deveria ter agido diferente e tomei isso como aprendizado para futuras relações.

Após um período com essa estranha paz de advinda de tudo ter dado errado, no meio do segundo semestre retomei o relacionamento com a parceira que tive no terceiro ano. No início tivemos que lidar com questões do relacionamento anterior, mas após várias tribulações e alguns quase términos, comecei o quinto ano novamente mais otimista. Pensava algo similar a música de Belchior: “tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro; ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”.

Sobre esse pensamento, bom... aparentemente morri de novo. Imagino que o leitor que foi doido o bastante para ler essa parte já esteja cansado de meus desabafos, mas prometo que estou acabando. Sobre essa morte, foi gradual, quando surgiu a pandemia, enquanto para a maioria o afastamento se anunciava como um grande problema, para mim, se anunciava como algo necessário e uma oportunidade. Pouco antes das aulas pararem meu relacionamento ia mal e era bem possível que houvesse um rompimento, entretanto, durante essa pausa no período letivo, longe das cobranças conversamos muito e de certa forma nos acertamos. Infelizmente isso durou não muito mais que dois meses e aos poucos surgiram problemas, passei a apresentar sintomas ansiosos novamente e dessa vez acompanhados de sintomas depressivos, havia iniciado terapia no começo desse ano devido ao próprio

relacionamento e no meio do ano comecei também a fazer acompanhamento com psiquiatra e tomar medicações.

Aos poucos fui piorando e então passei a ter comportamentos de querer me provar para mim mesmo, além de muitas outras questões, isso me levou a comportamentos de risco. Vale ressaltar que nessa época, minha mãe e padrasto haviam mudado muito a postura comigo, principalmente em relação a dinheiro, assim como meus avós também queriam me mandar mais dinheiro para que tivesse conforto nos últimos dois anos de faculdade. Esse aumento do quanto eles mandavam associado a diminuição dos gastos em meses que fui para casa devido a paralização fizeram com que juntasse uma quantia de dinheiro.

Durante a pandemia estudei muito investimentos e fiz muitas aplicações seguras, tendo um aumento significativo em meu montante, entretanto, em um momento de querer me provar quis arriscar em uma operação volátil, contudo nesse momento a internet da casa caiu e não pude sair da operação no tempo certo, o resultado? Uma grande perda na operação associada a uma multa, o que levou quase todo meu dinheiro. Nesse momento fiz a coisa mais burra possível, por vergonha, não contei aos meus pais, emprestei dinheiro de amigos e tentei pelos próximos meses recuperar a quantia. Assim, passei esses meses com piora progressiva da ansiedade devido a dívida e piora da depressão devido a problemas no relacionamento. Houve alguns momentos em que recuperei quase todo o dinheiro, mas tentava recuperar tudo e assim novamente arriscava demais e perdia. Posto isso, o resultado que obtive foi terminar o ano endividado, estava deixando de comprar comida para tentar investir mais na tentativa de ao menos juntar o dinheiro necessário para pagar minhas dívidas.

Ao fim do ano, quando tinha uma quantia próxima da necessária, mas não tinha dinheiro para me alimentar a quase uma semana (passei os dias comendo apenas pipoca de panela e alguns dias parte da comida ou mesmo algo congelado de colegas, que aliás devo muito) decidi abrir mão do orgulho e contar aos meus pais. Eles me ajudaram muito, meus pais-avós, mãe e padrasto completaram o que faltava das dívidas e me deram dinheiro para passar o mês como presentes de natal e aniversário. Além disso ambos aumentaram a quantia que mandavam por mês para que não passasse necessidade.

Quero dizer que não sei como descrever minha vergonha por diversas atitudes que tive, aprendi muitas lições naquele ano, mas não acho de forma alguma que tenham compensado o que ocorreu. Aprendi a aceitar a perda, esfriar a cabeça, não

lidar com o dinheiro com ansiedade nem agir de modo impulsivo a fim de recuperar o perdido. Aprendi a não arriscar dinheiro que não possa perder, não arriscar sem ter uma reserva e muito menos arriscar dinheiro emprestado. Aprendi ainda muito sobre diversos tipos de empreendimentos e a ter humildade de aceitar os erros, aceitar minha culpa.

Após esse ocorrido eu ainda recebi uma notificação dívida com o banco devido a uma multa que recebi quando estava investindo, porém não queria pedir novamente dinheiro a meus pais e passei a comprar e vender alguns móveis e aparelhos. Além disso tentei economizar ao longo do tempo. Nesse momento também tive o término de meu relacionamento e pouco depois comecei a passar no estágio de clínica do quinto ano, o qual em nada aproveitei. De fato, sei que não deveria ter escondido minha dívida, mas não aguentava dar mais desgosto a meus pais, renegocieei a dívida e paguei sem nenhum plano mirabolante.

Quando finalmente cheguei ao sexto ano estava terminando de pagar a dívida, estava em outro relacionamento, estava bem com minha família, melhorando quanto a meus estudos, treinando e fazendo as pazes comigo mesmo. Hoje, no último estágio de minha graduação, acredito que estou melhor do que já estive até hoje, mas ainda tenho muito o que melhorar, minha depressão e ansiedade estão controladas, convivo bem com meu déficit de atenção, vivi muitas experiências, aprendi muitas coisas, tive muitos amigos, muitas lições, alguns tombos, problemas com o curso, saúde, relacionamentos e família.

Posso dizer que minha saúde está boa, não totalmente devido a meu dedo quebrado, mas isso vai melhorar. Meu relacionamento é muito bom, amo muito minha parceira e acho ela uma mulher incrível, temos um ótimo diálogo, cuidado e parceria entre nós, combinamos em muitos aspectos e nos respeitamos em nossas diferenças, não imagino como poderia pedir alguém melhor.

Tenho ainda dois irmãos pequenos de quem sinto saudade, alguns primos, um deles a quem vejo como irmão, tenho uma família que me ama e que hoje me entende e que eu amo e entendo também. Quanto a parte financeira, meus pais mantiveram o quanto mandavam de dinheiro, com isso, após algumas vendas e pagar a dívida começou a sobrar dinheiro e hoje tenho uma vida que considero muito confortável. Além disso em breve vou me formar e assim, tenho possibilidade de ter uma vida ainda mais confortável.

Tudo isso que passei me ajudou a me moldar, aprender mais sobre mim mesmo, sobre autocontrole, paciência, organização, gestão emocional, interação com os outros, administração financeira, valorizar os outros seres humanos e tentar entendê-los entre diversas lições que não consigo nem citar pois apenas internalizei.

Levo tudo isso comigo, assim como as demais experiências relatadas nesse texto, acredito que esses aprendizados me ajudarão na minha vida pessoal e profissional e que quando for trabalhar com gestão, todos os desafios e problemas que enfrentei serão um pilar para lidar com as situações que surgirem, sejam problemas de colegas, do local em que trabalho ou mesmo meus.

Agradeço a quem leu esse desabafo, foram quase 7 páginas que poderiam não constar nesse trabalho, mas que senti que precisava relatar nessa última oportunidade de contar sobre esses 6 anos que me reforjaram na pessoa que sou.

Sobre meu próximo ano

Apesar de escolher minha residência, simultaneamente optei por não cursar neste ano após me formar. Apesar de à primeira vista ser um pouco contraditório querer tanto uma residência e simultaneamente optar por não cursar a mesma logo após sair da graduação, na verdade foi justamente essa certeza de querer neurocirurgia e por conhecer mais sobre a especialidade que decidi que seria melhor ter um ano trabalhando antes de prestar as provas.

Com toda certeza me sinto nervoso e inseguro ainda para exercer a profissão, mesmo com a graduação, sei que nunca estamos prontos. Nesse sentido, entendo Noah Gordon quando diz: *"Eu digo a mim mesmo que alguns poderiam ser salvos se eu soubesse mais"*. Infelizmente sinto que mesmo com toda a prática profissional e estudos que tive, sempre poderia saber mais e por isso tenho medo de que poderia fazer mais, salvar mais pessoas.

Entretanto, sei da qualidade de minha formação e também de que quero dar o meu melhor para ajudar o paciente, pois acredito que meu curso me preparou não só na base teórica, mas também na parte humana da medicina, o que é fundamental.

A proposta de nossa inserção na prática é muito maior do que aumentar a fixação do conteúdo por ver casos reais, na verdade ela busca nos ensinar mais do que a medicina, nos ensinar a ver o paciente e não a doença. Assim, nosso curso está de acordo com a fala de alguns autores como Carl Jung: *"Não é o diploma médico,*

mas a qualidade humana, o decisivo", ou Abel Salazar: "O médico que só sabe de Medicina, nem de Medicina sabe".

Posto isso, vejo também que esse sentimento de não estar pronto é comum e normal a essa fase. Observo o mesmo sentimento em colegas e ainda na fala de profissionais que já atuam na área, o que de certa forma me conforta. Vale observar que talvez nunca perca totalmente isso que sinto, aliás, espero manter esse receio de não saber muito, pois isso que vai impulsionar minha melhora e me fazer crescer.

Seja dito de passagem que espero mais do que isso, espero nunca ter a arrogância de achar que um dia saberei tudo sobre algo, principalmente em uma ciência tão mutável e também tão complexa em seu aspecto antropológico como a medicina. Sobre essa ideia, gostaria de parafrasear Paul Kalantih, que diz que o conhecimento não cabe só a uma pessoa, mas sim há união de várias, seus relacionamentos entre si e com o mundo, mas mesmo assim, nunca está completo.

Contudo, voltando a minha opção por trabalhar esse ano, esse pensamento surgiu quando realizei meu último estágio eletivo da graduação. Por ser o último, escolhi estagiar em neurocirurgia, assim, pude perceber a rotina de um residente de neurocirurgia. Nesse estágio conversei muito com os residentes e percebi o quanto eles, salvo o último ano da residência, não tem tempo para descanso, preparo de alimentação ou para dar plantões.

Com efeito, acredito que seria muito útil ter uma reserva financeira para poder ter uma alimentação adequada e também não ter que me preocupar com dinheiro e muito menos em dar plantões durante a residência. Além disso, por saber que terei pelo menos 4 anos com muita demanda na residência, penso que seria proveitoso ter ao menos um ano com menos cobranças entre o término do curso de medicina e início desse novo ciclo.

Penso ainda que mesmo tendo certo grau de certeza da minha escolha sou muito jovem e talvez até mesmo imaturo se comparado a colegas de turma, portanto não quero ter o mesmo sentimento que tive ao entrar no curso de medicina, o sentimento de que teria aproveitado muito melhor a graduação se fosse mais velho e experiente, ou de que poderia ter feito outra escolha se o fosse.

Por fim, ainda tenho mais um motivo para minha escolha que é a oportunidade de focar no internato sem me preocupar com as provas de residência, pensando apenas nos casos que atendo e vivências que tenho na graduação como disparadores

de meu estudo, tendo como foco a formação médica para atuar na prática, para lidar com pacientes reais e não apenas para prestar uma prova.

Quanto a área de gestão, tenho muito interesse em buscar conhecimentos ou experiências relacionadas a ela nesse período. O tempo que levarei entre o término de minha graduação e o início de minha residência ainda é incerto, de fato o que é certo é que vou fazer a neurocirurgia, porém o momento em que isso irá ocorrer depende de fatores financeiros, pessoais, familiares e é claro, de quando eu passar nas provas.

Tendo isso em vista, acredito que seria proveitoso nesse período buscar aprimoramento nessa área de gestão, seja por meio de cursos, especializações ou até mesmo experiências profissionais. Com esse conhecimento posso estar mais pronto para buscar um futuro em que atue no que quero, pois estarei mais preparado para lidar com o que surgir e como disse Alexander Fleming: "A mente despreparada não pode ver a mão estendida da oportunidade."

Sobre o hospital universitário

Primeiramente gostaria de agradecer o leitor que chegou até aqui, prometo que esse memorial já está terminando, mas antes eu gostaria de falar sobre nosso hospital universitário. Mas qual seria a conexão desse hospital com o tema? Bom, na verdade, assim como nosso curso, o hospital é recente e ainda está em construção. Eu o conheci em 2010, quando funcionava basicamente como uma Unidade de Pronto Atendimento ainda.

Posteriormente, passei a ter mais contato apenas em 2016 ao entrar na faculdade e ao menos a priori pouco me parecia ter mudado ainda. Com isso, pude ver o desenvolvimento do hospital até o recente momento com um centro cirúrgico, unidade de ambulatório nova, uma UTI (por enquanto só para Covid 19) e diversas obras em construção, bem como projetos em andamento para a criação de diferentes alas, com uma grande ampliação da área do hospital.

Devido a essa evolução durante minha graduação, além das trocas de coordenação deste, pude acompanhar ao menos parte das discussões sobre sua gestão, seus projetos e sua história. Assim, tive a possibilidade de ver e participar de discussões sobre projetos a serem implementados e obras a serem realizadas, muitas das quais já não estão mais no papel.

Por ter essa vivência, passei a sentir um apreço muito grande pelo hospital e cada vez mais quis me informar e torcer pelos planos de desenvolvimento do HU. Além disso, pude também sentir um gostinho do pensamento de gestão hospitalar, o que é um tema que me interessa muito. Assim, quando pensei em fazer uma pesquisa sobre algum tema para finalizar essa quarta parte do texto, e, portanto, finalizar também o trabalho como um todo, pensei que seria interessante abordar nosso Hospital Universitário.

Fotografia 3 - Hospital Universitário



Fonte: Reginaldo dos Santos/EPTV (2019)

Sobre gestão hospitalar

Devido a meu interesse pela área de gestão e por ter visto o crescimento do Hospital Universitário de minha cidade, para encerrar esse texto que lhe escrevo, optei por realizar uma pesquisa sobre a área. Assim, pensando no contexto do HU de São Carlos, que nos últimos anos passou a ser gerenciado por uma empresa conhecida como EBSEH, tive a ideia de fazer uma pequena revisão não sistemática para ter uma noção melhor sobre como foi a implantação da administração dessa instituição nos hospitais universitários no restante do país e um pouco sobre seu modelo de gestão. Enfim, agradeço muito a atenção e paciência para com meu texto e segue abaixo a pesquisa.

Sobre a criação da EBSEH

Os hospitais universitários são de grande importância para o SUS, são responsáveis por fornecer recursos como assistência de alta complexidade, incorporação de tecnologias, elaboração de pesquisas e formação de mão de obra qualificada. Assim, a formação profissional é uma de suas atribuições, porém, não a única. Contudo, ao tentar se integrar na rede e desempenhar mais funções, muitos hospitais passaram a enfrentar desafios estruturais e de gestão. Assim como diversos outros hospitais brasileiros estes foram tidos como pouco eficientes, mal organizados e muito dispendiosos, e diante dessas críticas foi proposto que necessitavam de modelos de gestão mais modernos, eficientes e focados em resultados objetivos. (EDUARDO BOTTI ABBADE, 2021; PAULA DA COSTA MAYER et al., 2021)

A fim de solucionar esses problemas foram tomadas várias medidas ao longo dos anos, como criação de portarias, comissões, elaboração de planos de reestruturação e planos orçamentários. Nesse sentido também, em 2011 foi criada a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSEH) - empresa pública de direito privado vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua proposta é de gerenciar os hospitais universitários das universidades federais, sendo que atualmente dos 50 hospitais (vinculados a 35 universidades federais), 80%, ou seja, 40 HUs (vinculados à 32 universidades federais) possuem contrato com a gestão EBSEH. (EDUARDO BOTTI ABBADE, 2021; PAULA DA COSTA MAYER et al., 2021)

Sobre sua atuação

Quanto ao modelo de gestão, a empresa apresenta uma gestão com uma abordagem similar à da iniciativa privada, tida como uma visão mercadológica guiada por resultados e metas de desempenho. A empresa busca a melhora organizacional ao implementar ferramentas de gestão e sistemas de informação. Além disso, pretende criar um desenho organizacional que denote uma maior fluidez dos fluxos e processos internos, sendo que para tal, objetiva também diminuir o quadro de gestores e aumentar o de funcionários. Assim, a empresa busca ser mais eficiente, o que poderia ser definido como aproveitar os recursos e gastos para obter o máximo de resultados. Nesse sentido, ela apenas cumpriria o dever da administração pública e a cobrança pela eficiência seria apenas uma preocupação natural e até mesmo um

direito constitucional da população. (EDUARDO BOTTI ABBADE, 2021; PAULA DA COSTA MAYER et al., 2021; PAULA, 2016)

Pensando nesse objetivo, a empresa parece ter alcançado ao menos parte dos resultados esperados, como pode ser observado em um estudo de 2021 do Hospital da Universidade de Santa Maria que apresenta uma melhora na eficiência do hospital desde a mudança de gestão. Em outro estudo, dessa vez do hospital da Universidade Federal de Pernambuco, as metas da empresa foram todas atendidas, sendo em sua gestão implementado um planejamento alinhado e uma gestão estratégica. Contudo, o estudo faz a ressalva de dois desafios a serem enfrentados, o primeiro quanto a perda de autonomia da universidade durante o a mudança gestora e o segundo quanto a contratação de funcionários em regimes com salários e direitos diferentes dos que já trabalhavam, o que também foi relatado em outros artigos e foi associado a possibilidade de ser causa de desentendimentos na equipe e queda na produtividade. (PAULA DA COSTA MAYER et al., 2021; PAULA, 2016)

Além disso, também de 2021, foi feito um estudo, dessa vez com 16 unidades, em que foi relatado um aumento da velocidade de diminuição dos dias de internação dos pacientes. Tal resultado pode corresponder a uma melhora no atendimento, prática de alta precoce com conclusão do tratamento em casa ou até mesmo priorização de internações de menor gravidade. Ademais, foi encontrado também uma desaceleração do ritmo de queda da mortalidade (mas mantendo essa tendência) e diminuição na velocidade de aumento do custo de internações hospitalares. Segundo a análise do próprio autor esse último dado poderia corresponder a uma maior administração dos custos, uma atuação mais criteriosa dos órgãos administrativos ou apenas ausência de reajuste nos valores repassados pelo SUS pelos procedimentos. Por fim foi encontrado um aumento no número de contratações e um aumento importante no número de leitos, principalmente em hospitais da região nordeste. (EDUARDO BOTTI ABBADE, 2021; PAULA DA COSTA MAYER et al., 2021)

Sobre a visão dos funcionários

Sobre a visão de trabalhadores e gestores acerca da entrada da EBSEH, houve algumas divergências de acordo com cada pesquisa e hospital. Por exemplo, em um estudo de 2016 no hospital da Universidade Federal de Santa Catarina os entrevistados estavam apreensivos com a impossibilidade de permanência dos

trabalhadores antigos, e da realização de concursos públicos próprios. Além disso, parecia haver uma rejeição da comunidade universitária ante a empresa, reclamação de gestores sobre falta de capacitação para os profissionais contratados e de não conseguir administrar essa nova situação. Reclamaram ainda de falta de capacidade destes e do RH para lidar com problemas interpessoais e profissionais dos funcionários, relatando que o RH não funcionava em um sentido mais amplo de cuidado dos funcionários, apenas tinha apenas as atribuições sobre questões de admissão e contratação. (PAULA, 2016)

Entretanto, um estudo no mesmo hospital em 2021 obteve uma visão um pouco diferente, as queixas se focavam nos gestores, afirmando que boa parte da resistência encontrada no estudo anterior se devia a falhas de comunicação destes sobre o processo de mudança de administração. Sobre a percepção dos trabalhadores sobre a empresa, alguns sentiam que foram obrigados a aceitar a mudança em razão de existir uma ordem superior fazendo pressão econômica no hospital, enquanto outros acreditavam que era algo necessário e inevitável dada a grande demanda local e falta de investimento nos últimos anos. Esse artigo, propõe ainda como solução que os gestores participem de capacitações sobre métodos e alternativas de lidar com supostas resistências às mudanças, sobre comunicação, negociação, manejo de conflitos e mediação destes, além de programas para melhorar a liderança. (SANTOS; NUNES; TOLFO, 2021)

Sobre esse tema de mudança de administração e gestores, outro artigo ressalta novamente a importância da capacitação da liderança, dessa vez com o foco de lidar com um mundo de mudanças. Tal artigo expõe que essa dificuldade foi encontrada em diversos hospitais universitários e que essa falta de preparo se refletiu nos trabalhadores. Portanto, ele propõe a criação de cursos de competências de gestão, sobre reflexões acerca do enfrentamento de diversidades e resistências, além de atenção à saúde e educação. O texto ressalta ainda a importância da atuação baseada em evidências, dados objetivos, planejamento e conhecimento teórico. (MARINHO, 2016; OLIVEIRA, 2016)

Quanto a outras críticas a empresa, encontrei um artigo que apontava a criação da EBSE RH como uma estratégia de privatização que passava despercebida por ser uma via mais lenta, mas que ainda assim vai contra os princípios fundamentais do SUS. Ele propunha que o funcionamento da empresa se apresenta como um retorno a centralização das políticas sociais. Ademais, também refere se preocupar com os

trabalhadores da empresa, pensando tanto nos que estavam empregados nos hospitais antes da empresa assumir e podem perder suas funções, quanto com os que serão contratados, afirmando que teme a forma de tratar o funcionário, o regime de trabalho e a política mercantilista da empresa. (GOMES et al., 2014)

CONCLUSÃO

A proposta da UFSCar para os trabalhos de conclusão de curso é de que apresentem introdução, desenvolvimento e conclusão. Contudo, esse modelo é mais adequado a dissertações e alguns outros tipos textuais. Assim, dada a escolha de meu curso pela realização de um memorial de formação, acredito que esse espaço seria mais funcional como um relato sobre a realização do trabalho e minhas considerações finais, portanto, planejo usá-lo para de tal forma.

Sobre a proposta, de início a tratei com muito preconceito, sentia que parecia menos importante que uma dissertação por exemplo, acreditava que não teria nenhum impacto e que sua realização seria maçante. Quanto a ser menos importante, em geral, pelo maior contato com dissertações e artigos em detrimento aos demais tipos textuais, acredito que passei a valorizar menos essas produções, relegando a elas apenas a função lúdica. Até mesmo por conta dessa desvalorização que optei por inserir pequenas pesquisas no trabalho, como se isso o tornasse de alguma forma mais valoroso. Contudo, enquanto escrevia e tentava passar ao leitor parte de minha pouca experiência, fui lembrando de como há outras formas de transmissão de conhecimento, diferentes das que priorizei nos últimos anos.

Acerca da ideia desse texto não causar nenhum impacto e, portanto, ser pouco útil, em muito colabora as dezenas de avaliações que eu e colegas fizemos ao longo do curso e foram ignoradas. A isso se soma uma visão geral entre os alunos de que esse seria apenas um trabalho para "cumprir tabela" e poder se formar. Novamente, ao realizar o trabalho acabei por mudar minha visão, principalmente por três motivos, o primeiro irei relatar a seguir e os demais alguns parágrafos abaixo.

Sobre esse primeiro fator, ao ler os textos de colegas, passei a ver mais significado na atividade. A maioria dos trabalhos era de alunos já formados e neles pude ler histórias que não só entretém, como contam mais sobre a nossa graduação. Talvez hoje veja mais valor nessas narrativas por uma certa nostalgia. Todavia, penso que no início da graduação teria adorado ler mais sobre o que me aguardava na faculdade, conhecer a vivência de quem já passou pelo caminho que começara a caminhar, - embora saiba que nunca trilharemos exatamente o mesmo. Citando Heráclito de Éfeso: "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se

modificou...”. Porém, ficamos tão ansiosos e perdidos no início da graduação que esse mero deslumbre de como poderia ser nosso futuro já seria como um pequeno pedaço de madeira para se agarrar após um naufrágio.

Quanto a minha última visão, de que seria maçante, bom espero que não o tenha sido para o leitor, mas surpreendentemente não o foi para mim. Essa expectativa de que seria ruim escrever esse texto em parte é advinda das muitas narrativas que tive de escrever durante a graduação, textos os quais não via muito sentido e não me empenhava por sentir que perdia tempo de estudar algo mais relevante. Hoje, porém, ao refletir sobre, vejo que eles não eram tão inúteis, - não pense que concordo com sua realização nos moldes em que são propostos, de forma nenhuma, mas ao menos vejo algum sentido e entendo melhor a ideia por trás dessas atividades. Escrever esse texto e revisitar momentos de minha graduação, inclusive, fez com que entendesse ainda mais algumas visões e propostas de meu curso, bem como visse como elas pecam muitas vezes na execução do que é programado.

Em razão do quanto já me alonguei nessa escrita, não posso relatar aqui tudo que pensei sobre como essas ideias falham ao serem colocadas na prática, porém acredito, e principalmente espero, que parte do motivo seja a imaturidade do curso e que ao longo dos anos ele se reestruture para alcançar as ambições de seu projeto. Peço desculpas por não poder falar mais sobre, todavia, durante a criação desse trabalho tive diversas reflexões acerca da forma como se organiza o curso, lembrei do que pensara outrora quando preenchia avaliações desde meus primeiros anos, lembrei de discussões com colegas e pensamentos que tive quando me deparava com alguma atividade que me parecia ser perda de tempo. Não digo que estava certo de pensar assim, porém o fato dessa ser minha visão na época e de saber que era a mesma dos demais alunos é no mínimo sintomático de que algo está errado, ademais, mostra que a atividade é pouco produtiva, uma vez que os participantes não farão o esforço necessário para gerar os frutos esperados.

Com essa bagagem de atividades e encarando a obrigação de escrever mais uma narrativa, o único pensamento que me vinha a mente era de que só queria livrar-me disso o quanto antes. Sobre isso, tendo em vista o número exagerado de páginas aqui escritas, claramente foi muito ineficaz nessa ideia. Entretanto, o número de páginas apenas reflete um genuíno interesse que surgiu em meio a elaboração do projeto, além de uma sensação boa que sentia enquanto estava escrevendo. Esse interesse e a sensação que senti criaram o segundo motivo para que não mais

achasse essa atividade inútil, restando apenas mais um dos três que comentei alguns parágrafos acima. Sou obrigado a dizer que, embora tenha que ter me forçado muitas vezes a escrever, principalmente no início, no geral, gostei de elaborar o trabalho. Assim, esse motivo para ver um sentido no texto é que mesmo que ninguém leia, o escrevi para mim. Como um pintor faz sua tela muitas vezes para si e não para o público, da mesma forma pude usar esse trabalho como uma forma de expressão. Ao lembrar de acontecimentos e desabafar sobre assuntos que guardava, entrava em um estado de hiperfoco e, de repente, me via escrevendo como se estivesse contando algo a um amigo, as palavras saíam muito naturalmente, juntamente com um peso que carregavam.

Contudo, apesar das palavras saírem dessa forma, admito que tive que revisar meus relatos algumas, muitas, vezes, uma vez que, se em uma discussão de SP já posso apresentar uma fala confusa pelo modo que funciona meu pensamento, ao escrever sem pensar, imagino que tenha gerado um texto quase indecifrável. Pensando sobre isso, inclusive, espero que não tenha tornado o texto confuso quando em alguns momentos parava uma linha de raciocínio e começar a divagar sobre alguma ideia que surgiu. Afirmando que tentei ao máximo evitar essas digressões. Já nos momentos em que falhei nessa missão, ao menos mudei a ordem de alguns parágrafos a fim de que talvez passasse despercebido e parecesse que era algo planejado. Agradeço ainda a compreensão para com alguns hábitos meus como resgatar ideias a muito apresentadas e que o leitor possivelmente nem mais se lembra. Entretanto, tendo em vista esse processo de escrita, posso dizer que coloquei a mim nesses parágrafos e fui sincero em meus relatos.

Nesse sentido, contraditoriamente, sinto que enquanto escrevia, comecei a sentir como se estivesse apenas reportando um diário que fora escrito pelo tempo na minha memória, mas que não mais pertencia a mim. Aos poucos vieram lembranças que não me eram mais tão familiares e conforme ia prosseguindo em meu relato começava a associar os acontecimentos, decisões, emoções e pensamentos que tive. Ao rememorar esse passado não os revivia, na verdade, via uma história de um outro Matheus, alguém que fui conhecendo através dos relatos e julgando através de minha ótica atual, assim, enquanto encadeava vários significantes gerava novos significados, reavaliava minhas lembranças e criava novas histórias.

Entretanto, essas histórias não eram novas apenas por serem vistas por uma perspectiva de alguém 6 anos menos jovem (não digo mais velho ou experiente

porque ainda não me sinto no direito). Outro fator que faz com que esse relato aqui posto não corresponda ao que aconteceu é de que apenas lembramos coisas que tiveram algum valor emocional, porém nem tudo que foi importante em nossas vidas provocou emoções suficientes para gerar uma memória. Além disso, dentre as coisas que guardei em minha mente, nem todas consegui lembrar enquanto escrevia e mesmo entre as que consegui lembrar, a maior parte não pode ser relatada, ao menos que queira ficar mais alguns anos na graduação para terminar de escrever esse texto. Portanto, seria impossível transmitir com total fidelidade os acontecimentos de minha vida, mais do que isso, ainda que lembrasse e tentasse aqui relatar tudo que senti, nem mesmo tenho habilidade para trazer ao interlocutor a intensidade das sensações que passei. Logo, inevitavelmente o texto é um recorte cercado de vieses, assim como a maior parte das coisas, provavelmente até mesmo o próprio leitor.

Posto isso, mudei todos meus preconceitos sobre essa proposta. Talvez mudasse o formato um pouco, fizesse com que as narrativas e avaliações dos primeiros anos fossem mais relacionadas a ela e explicaria melhor a proposta do TCC desde o início da graduação. Penso ainda, que estruturaria um pouco mais a forma como se é feita, na verdade, tive sorte com o orientador que me foi designado e ele enviou-me um modelo e um texto de apoio, além disso li trabalhos de alunos de anos anteriores, o que me rendeu uma ideia de como realizar o TCC. Contudo, vejo que vários colegas adotaram modelos muito diferentes e mesmo que o memorial de formação seja um tipo textual muito abrangente, ainda assim tem uma certa estrutura e principalmente, um foco, o que não foi passado por outros orientadores aos meus colegas.

A despeito dessas mudanças que proporia, passei a ter um olhar positivo sobre essa atividade e sinto que me fez bem realiza-la. Percebi que conforme contava sobre minhas escolhas elas começavam a parecer mais acertadas e minhas certezas passaram a aumentar ante minhas infundadas dúvidas. Tento ser otimista e acreditar que tais certezas são legítimas e não uma falsa sensação de unanimidade e de reforço criada ao falar tanto de minhas escolhas, um processo similar aos que acontecem nas bolhas existentes nas redes sociais. Com esse olhar positivo, penso ainda que seria proveitoso até mesmo incentivar os alunos dos primeiros anos a ler parte dos TCCs elaborados, salvo o meu em virtude do número de páginas.

Uma vez que falei de minhas escolhas e considerando que estou na conclusão do texto, acredito que devo reservar algum espaço para retomar algumas coisas aqui

sobre o tema abordado no trabalho, deste modo, farei um breve resumo da minha visão atual sobre o assunto.

Em minha pesquisa, percebi que os fatores que influenciam as escolhas de residência variam de cada indivíduo, uma forma de abordar isso é a divisão dos alunos nos dois perfis já apresentados, os dividindo principalmente com o quanto o aluno valoriza ou precisa de retorno financeiro, a importância que dá a uma vida mais calma e com horários definidos ou a uma vida agitada e com mais desafios.

Além disso, fatores demográficos e sociais são também relevantes como sexo, renda familiar, país em que se encontra, tipo de faculdade (pública x paga e rural x urbana), idade, família entre outros. Também vale ressaltar as experiências durante a graduação, estágios, colegas e professores. Por fim, são importantes ainda valores pessoais, características ligadas a personalidade e afinidade por determinadas áreas ou disciplinas.

Ainda assim, o motivo que leva a escolha profissional parece ser muito variável, em geral, parece ser uma combinação os fatores supracitados e de outros determinantes que podem influenciar algumas pessoas em maior ou menor grau. Quanto a mim, acredito que minha afinidade por neurologia, bioquímica e fisiologia, interesse por desafios, curiosidade pelo desconhecido, gosto por atividades práticas e uma rotina mais agitada, além de algumas experiências que passei são os principais influenciadores em minha escolha de residência. Já sobre a área de gestão, apesar da afinidade que tenho com o campo, o maior fator que influenciou essa inclinação foram as diversas vivências que tive, não só ao longo da graduação, mas ao longo de toda minha vida.

Essas reflexões representam apenas o que elaborei durante processo de escrita, contudo, não objetivo tê-las como uma conclusão do texto de fato. Outrossim, mesmo que tenha adquirido alguns aprendizados durante o processo, não me proponho a trazer ao leitor nenhum ensinamento ou lição em específico, nem estou defendendo alguma tese ou buscando convencer o leitor de algo. As pesquisas que trouxe não devem ser tomadas como argumentos, mas como uma maneira de maior contextualização, uma vez que minha motivação foi apenas de buscar vivências em outros lugares e, com isso, melhorar a compreensão das minhas próprias.

Tendo em vista o formato deste memorial de formação, minha proposta era de narrar os acontecimentos que passei e que eram mais relevantes ao tema, tentar trazer momentos que afetaram minhas visões, minhas decisões e minha formação

como ser humano. A partir disso, almejava empoderar o leitor sobre minha história para que este a interpretasse.

Em suma, espero ter conseguido munir o leitor de minhas vivências e reflexões, além das perspectivas de outros alunos e autores contidas em minhas pesquisas, para que possa, com isso, tirar suas próprias conclusões e aprendizados. Sendo assim, agradeço pela companhia e espero que tenha sido proveitoso em algo, que tenha agregado algum conhecimento ou ao menos entretido alguém cuja paciência era grande o suficiente para acompanhar-me até o final desse texto. Para terminar o memorial, queria recobrar o meu objetivo com o texto que, bom, não correspondia a nenhuma grande ambição, meramente desejava compartilhar minha tentativa de compreender meu processo de escolhas para o futuro, acho que era só sobre isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED ALAWAD, A. A. M. et al. Factors considered by undergraduate medical students when selecting specialty of their future careers. **PAMJ. 2015; 20:102**, v. 20, n. 102, 22 fev. 2015.

ALI, A. et al. Factors considered by undergraduate medical students when selecting specialty of their future careers. **Pan African Medical Journal**, v. 20, n. 1, 24 mar. 2015.

ARAUJO DE OLIVEIRA, N.; LUIZ, I.; ALVES, A. Ensino médico, SUS e início da profissão: como se sente quem está se formando? **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 35, n. 1, p. 26–36, mar. 2011.

ASSEFA, T. et al. Medical students' career choices, preference for placement, and attitudes towards the role of medical instruction in Ethiopia. **BMC Medical Education**, v. 17, n. 1, 30 maio 2017.

AVILA Dayse. Universidade Do Vale Do **Itajaí Centro De Ciências Da Saúde Curso De Psicologia** O Processo De Escolha Profissional Vivenciado Por Estudantes Do Ensino Médio Da Rede Particular De Ensino. 2009.

BALE, A. G. et al. Increasing Educational Indebtedness Influences Medical Students to Pursue Specialization: A Military Recruitment Potential? **Military Medicine**, v. 178, n. 2, p. 202–206, 1 fev. 2013.

BUOGO, M.; CASTRO, G. DE. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 431–449, ago. 2013.

CABRAL FILHO, W. R.; RIBEIRO, V. M. B. A Escolha Precoce da Especialidade pelo Estudante de Medicina: um Desafio para a Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 28, n. 2, p. 133–144, 22 jun. 2020.

CLELAND, J. et al. Associations between medical school and career preferences in Year 1 medical students in Scotland. **Medical Education**, v. 46, n. 5, p. 473–484, maio 2012.

CORSI, P. R. et al. Fatores que influenciam o aluno na escolha da especialidade médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 213–220, jun. 2014.

CREMESP. Exame do Cremesp 2018 aprova 61% dos médicos recém-formados. 2018.

DE MOURA PONTES, S.; DE, L.; TORREÃO, A. Influência da participação de estudantes em ligas acadêmicas na escolha da especialidade para o programa de residência médica da Bahia 2017. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 3, p. 160–167, 22 jul. 2019.

DIAS, M.; SOARES, D. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 2, p. 272–283, 2012.

DMED. **Apresentação — Departamento de Medicina**. Disponível em: <<https://www.dmed.ufscar.br/institucional/apresentacao>>. Acesso em: 22 dez. 2021a.

DMED. **Projeto Pedagógico — Departamento de Medicina**. Disponível em: <<https://www.dmed.ufscar.br/graduacao/projeto-pedagogico>>. Acesso em: 22 dez. 2021b.

DO, G.; PRADO, V. T.; SOLIGO, R. Memorial De Formação-quando as memórias narram a história da formação. 2003.

EDUARDO BOTTI ABBADE. **O impacto da gestão EBSEH na produção dos hospitais universitários do Brasil - Artigos - Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Disponível em: <<https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-impacto-da-gestao-ebserh-na-producao-dos-hospitais-universitarios-do-brasil/17927?id=17927>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

GOMES, K. K. DE S. et al. Novo modelo de gestão para hospitais universitários: Percepção dos profissionais de saúde. **Serviço Social e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 283–298, 11 maio 2014.

KALIYADAN, F. et al. Specialty preferences of 1st year medical students in a Saudi Medical School – Factors affecting these choices and the influence of gender. **Avicenna Journal of Medicine**, v. 05, n. 04, p. 134–139, out. 2015.

KUMAR, A. et al. Factors influencing medical students' choice of future specialization in medical sciences: a cross-sectional questionnaire survey from medical schools in china, malaysia and regions of South asian association for regional cooperation. **North American journal of medical sciences**, v. 6, n. 3, p. 119–125, 2014.

LEVAILLANT, M. et al. Factors influencing medical students' choice of specialization: A gender based systematic review. **EClinicalMedicine**, v. 28, p. 100589, 1 nov. 2020.

MARINHO, R. NOVAES. **implicações Estruturais e Comportamentais na Implementação do Modelo de Gestão da EBSEH em um Hospital Universitário. | Observatório de Política e Gestão Hospitalar**. Disponível em: <<https://observatoriahospitalar.fiocruz.br/biblioteca/implicacoes-estruturais-e-comportamentais-na-implementacao-do-modelo-de-gestao-da-ebserh>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MARTINS, J. B. et al. Fatores que Influenciam a Escolha da Especialização Médica pelos Estudantes de Medicina em uma Instituição de Ensino de Curitiba (PR). **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 2, p. 152–158, jun. 2019.

MOHAMMED, TA.-H. et al. Specialty preferences and factors affecting future career choice among medical graduates in Saudi. **Journal of family medicine and primary care**, v. 9, n. 3, p. 1459, 2020.

OLIVEIRA, G. G. Et Al. A Importância Da Capacitação Do Gestor De Um Hospital Universitário Do Sus, Para Enfrentamento Das Diversidades Durante A Implantação De Um Novo Modelo De Gestão . **Revista Gestão & Saúde**, p. 55–66, 2016.

PAULA DA COSTA MAYER, A. et al. Impactos nos níveis de eficiência no hospital universitário de Santa Maria: antes e após a contratação da EBSEH. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 12, n. 2, p. 147–172, 6 ago. 2021.

PAULA, R. B. DE. Desafios da gestão do HU/UFSC, após a criação da EBSEH pelo governo federal. 2016.

POTT, E. T. B.; POTT, H. The student evaluation in medical under graduate degrees : Possibilities and challenges. **Meta: Avaliação**, v. 12, n. 35, p. 308–335, 1 jun. 2020.

SANTOS, G. S. C. DOS; NUNES, T. S.; TOLFO, S. DA R. Mudança Organizacional sob Diferentes Percepções: o Caso da Adesão de um Hospital Universitário a EBSEH. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 1, p. 8–27, 30 jun. 2021.

SARIKHANI, Y. et al. A thematic network for factors affecting the choice of specialty education by medical students: a scoping study in low-and middle-income countries. **BMC medical education**, v. 21, n. 1, 1 dez. 2021.

SCHEUER, C. et al. RE: Choice of specialization among Indian medical students. **National Medical Journal of India**, v. 25, n. 6, p. 343–354, 1 dez. 2012.

TINOCO, A. S. et al. Percepção Dos Estudantes De Medicina Acerca Da Residência Em Medicina De Família E Comunidade. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 4, n. 1, p. 75, 27 out. 2017.

UFSCAR. **Apresentação — Universidade Federal de Sao Carlos**. Disponível em: <<https://www.ufscar.br/a-ufscar/apresentacao>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

WEISSMAN, C. et al. Medical specialty considerations by medical students early in their clinical experience. **Israel Journal of Health Policy Research**, v. 1, n. 1, p. 13, 12 mar. 2012.